

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**



MENANDRO MINHAIN FIGUEIREDO MOITINHO

UNIVERSOS PARALELOS: natureza e cultura em festivais *trance*

**SÃO CRISTÓVÃO – SERGIPE
2017**

MENANDRO MINHAIN FIGUEIREDO MOITINHO

UNIVERSOS PARALELOS: natureza e cultura em festivais *trance*

Dissertação de mestrado apresentada como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe. Área de Concentração: Desenvolvimento de Regiões Semiáridas e Costeira.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Menezes

SÃO CRISTÓVÃO
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DE LAGARTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M715u Moitinho, Menandro Minhain Figueiredo.
Universos Paralelos: natureza e cultura em festivais
trance / Menandro Minhain Figueiredo Moitinho ;
orientador Antônio Menezes. – São Cristóvão, 2017.
85 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio
Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Espaço, Sociedade e Meio ambiente. 2. Relações
humanas. 3. Cultura. 4. Antropologia. I. Menezes,
Antonio, orient. II. Título.

CDU 502:39

MENANDRO MINHAIN FIGUEIREDO MOITINHO

UNIVERSOS PARALELOS: natureza e cultura em festivais *trance*

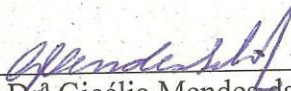
Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Meio Ambiente da
Universidade Federal de Sergipe.

Aprovado em 30 de março de 2017



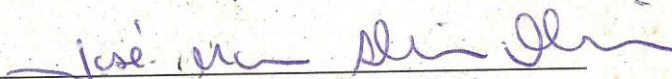
Prof. Dr. Antônio Menezes
(Orientador)

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente
Universidade Federal de Sergipe



Profª Drª Gicélia Mendes da Silva
(Avaliador Interno)

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente
Universidade Federal de Sergipe



Prof. Dr. José Mário Aleluia Oliveira
(Avaliador Externo)
Universidade Federal de Sergipe

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado em
Desenvolvimento e Meio Ambiente concluído no Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).



Prof. Dr. Antônio Menezes (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe – UFS

É concedido ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) responsável pelo Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente permissão para disponibilizar, reproduzir cópia desta Dissertação e emprestar ou doar tais cópias.



Menandro Minhai Figueiredo Moitinho

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe – UFS



Prof. Dr. Antônio Menezes (Orientador)

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe – UFS

RESUMO

Esta pesquisa analisa as interações sociais entre os participantes de festivais *trance* e as questões ambientais contemporâneas: a relação homem-natureza-sociedade-cultura. Estuda-se os estilos de vida e os modos de expressão ligados às vivências *trance*, destacando-se as relações humanas com a natureza e com a sociedade numa perspectiva antropológica do tempo presente. A base teórica, conceitual e metodológica da pesquisa é a etnografia pós-moderna. Os principais instrumentos e técnicas de pesquisa utilizados foram o diário de campo, observação participante ativa e o romance-formação. Os resultados da pesquisa explicitam: (a) pertinência da etnografia crítica (pós-moderna) para a pesquisa em ciências ambientais devido às interfaces de diálogo entre literatura, invenção e ciência antropológica e a reflexão sobre a autoridade na produção do conhecimento científico; (b) configuração de estilos de vida de características situacionais, irruptivos, diferidos e individuados entre os participantes de festivais *trance*; (c) materialidade de modos de expressão como estética híbrida, experiencial e disforme. Conclui-se que os festivais *trance* são importantes territórios culturais de conjunção, afirmação e unificação com a natureza numa dinâmica de profundidade, saturação, negatividade e reinvenção de atores sociais com a finitude existencial e a expansão de consciência frente à natureza, a vida planetária e os problemas ecológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza. Cultura. Festivais *Trance*

ABSTRACT

This research analyzes the social interactions between participants of trance festivals around contemporary environmental issues: man-nature-society-culture relationship. The life-styles and modes of expression related to the trance experiences are studied, highlighting human relations with nature and with society in an anthropological perspective of the present time. The theoretical, conceptual and methodological basis of the research is postmodern ethnography. The main instruments and research techniques used were field diary, active participant observation and novel-training. The results of the research make explicit: (a) the relevance of critical (postmodern) ethnography to research in environmental sciences due to the interfaces of dialogue between literature, invention and anthropological science and the reflection on authority in the production of scientific knowledge; (b) configuration of lifestyles of situational, irruptive, deferred and individuated characteristics among participants of trance festivals; (c) materiality of modes of expression as hybrid, experiential and deformed aesthetic. Lastly that trance festivals are important cultural territories of conjunction, affirmation and unification with nature in a dynamic of depth, saturation, negatricity and reinvention of social actors with the existential finitude and the expansion of consciousness towards nature, planetary life and Ecological problems.

KEY WORDS: Nature. Culture. Trance Festivals

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
TRANCEFORMATION: por entre-mundos	11
CONCLUSÕES	60
REFERÊNCIAS	64
<i>Poema para Natureza</i>	69
APÊNDICES	70

Primeiro convite

Mesmo que os mais céticos não concordem, é impossível não sentir que a música é uma terapia que está ligada à espiritualidade, de alguma forma, desde os tempos mais remotos da humanidade. Tanto música quanto espiritualidade agem por vibrações, onde cada indivíduo vai captar da forma que melhor convém para si.





https://orig00.deviantart.net/e0fb/f/2012/240/3/f/ozora_welcome_to_paradise_by_rattengoettin-d5crenl.jpg

Introdução



Quando tive a oportunidade de produzir um trabalho acadêmico, pela primeira vez, ainda na graduação em publicidade e propaganda¹, já havia me permitido provocar *fraturas* no modo como fui ensinado a produzir ciência². Não entendia como uma área tão disposta à inventividade permanecia tão arraigada a modelos prontos quanto ao pensar e a agir da ciência e “seus” cientistas³.

Desde muito cedo, em tenra idade, o mundo mais me parecia um *novo caminho*, que, em termos de vivências, eu ia esculpindo e desmontando as

A Igreja diz: o corpo é uma culpa! A ciência diz: o corpo é uma máquina! A publicidade diz: o corpo é um negócio! O corpo diz: Eu sou uma festa...
(Eduardo Galeano)

ordens tão bem projetadas, feito um andarilho feliz, mais além da figura de um rebelde, um vagamundo, porque me era muito agradável ter a sensação de não levar a verdade a sério, essa sempre parcial vontade de alguém ou de “poucos-muitos”; e, como andarilho me vejo, menos-e-além de um filósofo ou cientista. Nunca me fez concordar em *ser igual a eles*, a liturgia cansada dos clássicos, referências sob o nome de cultura (acadêmica, literária, artística, para citar algumas rotas, sempre incertas). Sequer me senti, até o momento em que meu pensamento é grafado, aqui,

¹ Em 2013, como estudante da Universidade Tiradentes escrevi Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A utilização do marketing para causas sociais como ferramenta estratégica na formação da marca” sob a orientação do Prof. Valmir Alves Teixeira Junior.

² A noção de *fratura* no conhecimento científico é inspirada na produção filosófica de Bachelard (2006), sobretudo as bases epistemológicas que sustentam suas ideias e obras.

³ CARVALHO (2000); BERGER (1999) e PINHO (1996).

nessa página em branco, distante da natureza ou fora dela. A sensação de vida que me circunda nasce da relação homem-natureza-sociedade-cultura e se alastra comigo em qualquer circunstância. Um ser-no-mundo, não apenas vivendo-o, mas, inventando-o, sem o risco de dizer a última palavra.

Essa pesquisa é o encontro de muitas figuras. Figuras que vivi, que nasceram e morreram ao longo do tempo, reinventando uma maneira tão fundamental em meus dias: a existência contaminada pelas escolhas que fiz, pelos caminhos trilhados e pelas omissões, muitas vezes e

Essa sensibilidade coletiva.... Ela quer "fazer você enxergar algo que é real e te estimular a participar disso".

(Registro de Campo. Isis Havena)

sempre, tão conscientemente feitas. Então, os registros aqui socializados fazem parte de um relato maior que a experiência vivida. Não é nem a cópia fiel dos acontecimentos, nem a ficção original, exigida em certos tipos de literatura. É

o misto entre dois mundos, quais sejam, as experiências de campo, diálogos partilhados durante as experimentações sociais de mergulho profundo ao lado de outras pessoas concretas em festivais de cultura *trance*; e a apresentação-reflexão-formação de todo percurso de pesquisa a partir do protagonismo literário, descrito sob forma de romance-formação, cuja presença entre mim e tantos interlocutores produz diálogos do que foi registrado em campo de pesquisa. Estes diálogos se encontram tecidos pela ajuda de uma terceira pessoa, narrador-fantasma, imaginário-criador-de-inventividade, parceria constante a me acompanhar na busca de compreensão do objeto de estudo, um *alter-ego-nativo* de nome *Átimo*⁴.

⁴ A palavra "Átimo", aqui, é empregada como nome próprio. É um agêner. É uma pessoa ativa, imaginária e desconcertante. Nasceu dessa pesquisa como interlocutor onipresente na formação. Faz parte das escolhas metodológicas indicadas pelo orientador da pesquisa em busca de consistência com o tipo de abordagem de pesquisa, a saber, a etnografia pós-moderna, na tentativa de aproximar ciência e literatura como fontes de estreita pertinência na produção do conhecimento acadêmico. Átimo é um personagem ficcional, terceira pessoa entre eu e os participantes desse estudo. Com esse personagem, busca-se desenvolver a narrativa romaneada da pesquisa, de modo que a dialogia polifônica entre pesquisador e participantes da pesquisa, seja ultrapassada por um outro olhar (de-dentro-de-fora).

Como estudante-pesquisador-em-formação em ciências ambientais, não poderia deixar a oportunidade de contestar o discurso moral da intelectualidade moderna, a racionalidade ambiental, cheia de bem arrumadas verdades, sempre parciais ou totais, esquemáticas, estruturais, com o gosto *sem gosto* do formalismo confirmatório da teoria-empíria. É inegável que estamos viciados em confirmações ou refutações dentro da prática científica. Exigimos uns dos outros a demonstração do domínio técnico-instrumental

[...] O período de 1860 a 1920 coincide com a fase de conquista colonial por parte do mundo Europeu e o advento da antropologia como estudo sobre o outro [...] delinea-se como seu principal eixo uma compreensão da natureza e da cultura que eram o próprio fundamento epistemológico de sua cientificidade

(JORDÃO, 2004: 36)

da relação teoria-método. A lógica do conhecimento científico moderno, ainda resiste com ferocidade, mostrando suas garras, suas presas, fazendo

[...] Recentemente, nos anos oitenta e noventa [...] disciplina tem sido influenciada, nas palavras de Reynoso (1991), por uma moda intelectual que corresponde a premissas do que vem a ser pós-moderno.

(JORDÃO, 2004: 38-39)

adeptos que seguem, no mundo do trabalho, a replicar menos celebração festiva, menos mergulho na tessitura social de corpo-inteiro, do que a velha máxima, segundo a qual o trabalho de formação em pesquisa exige dor, luto, renúncia e autoaniquilamento. Eu fiz minha escolha metodológica para trilhar um processo de muitas alterações, ritmos e andanças: a etnografia pós-moderna e o romance-formação.

Esta etnografia pós-moderna que consiste em uma crítica direta aos produtos e processos da atividade da ciência. Em particular da ciência antropológica da primeira metade do século XX. Crítica que se constrói pela busca de fazer emergir heteroglossia no que se refere aos significados culturais de contextos, modos de vida e

[...]a época entre 1945 a 1960, corresponde ao início e depois a realização da descolonização, o que não deixa de ser traduzido por diversas pesquisas antropológicas

(JORDÃO, 2004: 38)

expressões de um grupo cultural não restrito ao “exótico, ao primitivo e ao selvagem”, mas, aquilo que é próximo, *ao lado*. É justamente contra a perspectiva de colonização cultural e de dominância racionalista-

cientificista-moral da modernidade que a etnografia pós-moderna incentiva aos pesquisadores contemporâneos na produção de um conhecimento autenticamente dialógico, horizontal, construtivista, poético, contaminado por dissensos linguísticos de representação do Outro, fora das linhas de definição de poder entre pesquisadores e “pesquisados”, e os significados sociais ou coletivos de experiências e vivências, ocorridas entre ambos. Não é suficiente e nem necessário a voz do intérprete-tradutor quando se tem, lado a lado, os falantes nativos, ávidos por seguir vivendo em lógicas próprias e multivariadas de sentidos (partilhados ou não entre seus pares).

O romance-formação⁵ é um dispositivo de pesquisa que tem como objetivo cruzar registro científico de experiências e relatos de campo na pesquisa social com o estilo literário do romance ficcional. Ocorre,

[...] Arte, política e teoria se colocam na pauta dos estudos antropológicos evidenciando não apenas a característica interdisciplinar da disciplina, como também o papel do etnógrafo não mais como colecionador de culturas, mas como um intérprete artístico do texto cultural, como sugeriu Foster no capítulo “O artista como etnógrafo” (1996).

(PERDIGÃO, 2015: 65)

portanto, uma mescla entre diário de campo antropológico e produção de narrativa literária de romance que, ao mesmo tempo que traz à tona as experiências de pesquisa como vivência empírica e metodológica, o pesquisador desenvolve narrativa literária com potencialidade autorreflexiva. É bricolagem. O romance-formação nem é literatura (ficcional), nem relatório de pesquisa (objetivação do

mundo). É invenção interdisciplinar que não privilegia nem uma, nem outra forma de compreensão das dinâmicas sociais estudadas. É um dispositivo instrumental de pesquisa que desafia a autoridade do discurso científico e problematiza os limites entre o válido, o legítimo e o aceito na produção contemporânea do conhecimento acadêmico.

⁵ O *romance-formação* como dispositivo de pesquisa tem origem nos estudos desenvolvidos junto ao SEMINALIS - Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea, a partir das discussões e aulas feitas pelo Prof. Dr. Antônio Menezes, principalmente, as discussões ocorridas durante a disciplina Tópicos Especiais: metodologia operativa interdisciplinar de pesquisa, ofertada entre o ano de 2014 e 2016.

Na experiência antropológica moderna, o antropólogo reunia as condições intelectuais suficientes para a construção de modelos teóricos e metodológicos científicos. Nem o viajante, o comerciante, o missionário religioso e, por longo tempo, nem mesmo, os nativos, poderiam *dizer inteligivelmente sobre* a cultura, sistemas de

[...] Este novo lugar reafirma o antropólogo como explorador de um modelo textual na interpretação da cultura e que preza pelo contexto da produção, pela literaridade e pela autocrítica constante

(PERDIGÃO, 2015: 65)

parentesco, sistemas políticos, sistemas de organização social, mitos,

Analisando esta complexa transformação, a etnografia está do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual. O processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor. Em resposta a estas forças, a escrita etnográfica encena uma estratégia específica de autoridade. Esta estratégia tem classicamente envolvido uma afirmação, não questionada, no sentido de aparecer como provedora da verdade no texto

(JAMES CLIFFORD, 1998:21).

ritos e performances dos quais faziam parte, direta ou indiretamente. A antropologia moderna direcionou-se pela construção de narrativas feitas pelos antropólogos sob o ponto de vista de um único ponto: registrar o visto de tal modo que *somente é possível para quem esteve entre as pessoas*. Nem o olhar-próximo, familiarizado com as práticas culturais e sociais; nem o olhar-distante, do estranho que se desloca em longas jornadas e passa a conviver minimamente com os nativos de grupos culturais estudados, é o que define a legitimidade e a validade dos relatos

antropológicos. O que define a ciência antropológica moderna é o legado teórico e metodológico deixado pelos pioneiros antropólogos nos primeiros sessenta anos do século XX. Além das teorias antropológicas, nasce a observação participante como suporte instrumental e metodológico a orientar os registros em *diários de campo*. Na contemporaneidade, a pesquisa antropológica enfrenta um desafio. Não é o exótico-distante, nem o próximo-familiar que desperta o interesse de pesquisadores das culturas em seus arranjos macrosociais, marcados pela dimensão histórico-estrutural. É o estudo das alteridades urbanas, nascidas de hibridismo *tecnoestético* de forte apelo de retorno à natureza, ao consumo sustentável, a maximização da vida através da minimização de satisfação de necessidades. Encontram-se, nesse cenário, os pequenos

agrupamentos humanos, os microcosmos de culturas, a exemplo de jovens, mulheres, negros, homossexuais, crianças etc., imbrincados uns com os outros pelo aparecimento de arranjos culturais e modos de vida *sui generis*. Em termos de visibilidade, esses grupos culturais são considerados *minorias barulhentas*, exercendo o poder de agregação entre si, por vínculos intensos e estreitos, não fixos e nem permanentes, de modo que o elo que permanece é a experiência, como celebração da própria vida, ali, no instante em que a dinâmica das relações sociais, passa-e-escapa, no limite, pela comunhão, fusão de imagens, produção de subjetividades (subjetivação) no consumo, culto, manutenção e finitude de experiências sociais partilhadas (sensações, pensamentos, atos, atitudes e outros processos).

A etnografia pós-moderna, pois, nasce da crise em torno da autoridade etnográfica. A autoridade do etnógrafo e a escrita etnográfica sofrem inúmeras críticas, destacando-se, sobretudo, pela discussão sobre recursos de linguagem, relações de poder e predominância de suposta neutralidade do pesquisador. Entre 1900 a 1960 toda uma tradição de antropólogos americanos e ingleses, sobretudo, construíram em torno da experiência etnográfica os fundamentos da ciência antropológica moderna. Clifford Geertz (1926-2006) passou a questionar a validade das etnografias a partir de críticas sobre os registros de campo sob forma de tradução cultural. Geertz trouxe à tona a questão do texto e das narrativas de primeira mão dentro do trabalho etnográfico. Assim, toma corpo, anos mais tarde, um movimento de revisão, crítica e questionamentos sobre as pesquisas culturais feitas por pesquisadores com pouco ou reduzido contato com as práticas culturais cotidianas dos povos pesquisados.

[...] A escrita etnográfica é alegórica tanto no nível de seu conteúdo (o que ela diz sobre as culturas e suas histórias) quanto no de sua forma (as implicações de seu modo de textualização) [...]

(JAMES CLIFFORD, 1998: 63).

Nessa pesquisa, a alegoria etnográfica e os recursos de textualidade, polifonia e **heteroglossia** são fundamentais para consolidar avanços na prática da pesquisa antropológica contemporânea. São, pois, o texto etnográfico e o autor-etnógrafo, os elementos da crítica à ciência moderna e, ao mesmo tempo, a possibilidade de enriquecer o campo das ciências ambientais, ultrapassando-o, inclusive, pela inovação metodológica requerida pelos documentos oficiais nessa área de conhecimento⁶.

Com a expansão da comunicação e da influência intercultural, as pessoas interpretam os outros, e a si mesmas, numa desnoriente diversidade de idiomas – “heteroglossia”. Este mundo ambíguo, multivocal, torna cada vez mais difícil conceber a diversidade humana como culturas independentes, delimitadas e inscritas. A diferença é um efeito de sincretismo nativo [...]

(JAMES CLIFFORD, 1998: 19)

A alegoria normalmente denota uma prática na qual uma ficção narrativa continuamente se refere a outro padrão de ideias ou eventos. Ela é uma representação que interpreta a si mesma. Um reconhecimento da alegoria enfatiza o fato de que retratos realistas, na medida em que são convincentes ou ricos, são metáforas extensas, padrões de associações que apontam para significados adicionais coerentes. A alegoria destaca a natureza poética, tradicional e cosmológica de tais processos de escrita

(JAMES CLIFFORD, 1998:65-66)

Essa pesquisa analisa as interações sociais entre os participantes de festivais *trance* em torno das questões ambientais buscando compreender a relação homem-natureza-sociedade-cultura nas sociedades contemporâneas. *Trance* é estilo musical desenvolvido na década de 90 por Dj's europeus que viajaram à Ilha de Goa na Índia e retornaram para a Europa levando o conceito de festa ao ar livre. Em festivais *trance* ocorre a fusão da música eletrônica da Europa Ocidental com um toque de espiritualidade e

transcendência, características da cultura oriental presente na ilha (VIEIRA, 2013). Estuda-se os estilos de vida e os modos de expressão

⁶ Destaque-se que um dos objetivos das ciências ambientais é a interdisciplinaridade. Esta, como conceito, como princípio ou como método busca produzir inovação, seja a inovação metodológica, inovação conceitual, inovação instrumental etc. Lê-se: “O objeto das ciências ambientais é, assim, naturalmente multidisciplinar e requer a convergência de conhecimentos distintos possibilitando a reflexão vista por diferentes ângulos [...]. É da riqueza dessa interação que emerge o conhecimento interdisciplinar, como uma forma de inovação que surge quando diferentes perspectivas se somam e revelam mais nuances do fenômeno estudado do que a simples soma de perspectivas. E nesse sentido, nas ciências ambientais, a interdisciplinaridade emerge naturalmente e passa a ser identificada como atitude e como método na produção de conhecimento” (BRASÍLIA. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Comunicado nº 002/2012 – Área de Ciências Ambientais. Considerações sobre a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade da área. Documentos Oficiais, Brasília, 2012: p. 1-2)

ligados às vivências *trance*, destacando-se as relações humanas com a natureza e com a sociedade numa perspectiva antropológica do tempo presente. Com a escolha metodológica baseada na *invenção interdisciplinar*, o contexto-problema é apresentado a partir de narrativa em prosa e, também, assim desenvolvido, pelo que chamamos de romance-formação.

Nesse estudo, o texto está desenvolvido como um cruzamento entre diferentes temporalidades. Não existe tempo linear e as falas dialógicas – aquelas produzidas pelos participantes reais da pesquisa – não estão exaustivamente decifradas por teorias, autores-referência ou algo do gênero predominante no universo acadêmico. O interesse é metodológico. E, como tal, é experimentação interdisciplinar, experimentação de método interdisciplinar, uma mistura de ciência-arte-política-memória-conexão que foi se desenvolvendo pelo mergulho antropológico intenso, quando em contato com as dinâmicas dos festivais *trance*. As teorias, os registros, os relatos, as fotografias e as informações relevantes estão espalhadas de modo intencional no corpo da narrativa, ziguezagueando, como o pensamento criativo e, entre os saltos de um a outro ponto, deixando aos leitores, possibilidades de criar compreensão própria dos movimentos na pesquisa.

O título formal da dissertação é *Universos Paralelos: natureza e cultura em festivais trance*. O emprego de cada termo nele contido já antecipa os limites antagônicos do contato entre racionalidade ambiental, método científico, culto à natureza, literatura, festejamento, suprarrealidade e música eletrônica. Aliás, as interações humanas, em contato direto com a natureza, ocorridas durante os festivais *trance*, é o mote de toda narrativa. Durante a narrativa, nas proximidades do texto escrito, os leitores encontrarão dezenas de videorrelatos de organizadores, participantes iniciáticos, músicos etc. Esses vídeos compõem, ao lado de extratos de poesias, citações diretas de autores acadêmicos, um mosaico de referências voltadas à problematização do tema.

A pertinência social e científica desse estudo, destaca-se pela busca de reconhecimento da produção interdisciplinar de conhecimentos em ciências ambientais, considerando a importância de superação do reducionismo cientificista, cujas bases teórico-metodológicas, ancoram-se na universalidade, neutralidade e objetividade nomotética, em oposição à prática de pesquisa contextualizada, dialógica e polifônica. De outro modo, justifica-se o esforço, pela tentativa de produzir novos dispositivos de pesquisa, integrando conceitual ou instrumentalmente, recursos que favoreçam à área das ciências ambientais a inovação metodológica e, o incentivo à criatividade, sensibilidade, inteireza, ao lidar com a complexidade da vida social, cultural, econômica, política e ecológica no tempo presente.



TranceFormation:

Entre-mundos



Essa parte do texto constitui a narrativa prosaica do romance-formação. O título da seção é o título da própria narrativa e, desde já, convida aos leitores para tecer significativos e pessoais *modos de sentir* o tema desse estudo. Conforme descrito anteriormente, tanto os registros de recursos acadêmicos, quanto os recursos literários estarão presentes nas páginas seguintes.

Já não bastasse o clima de expectativa e a agonia de me torturar diante do desconhecido, acabara de esbarrar com o filho mais tardio do tempo. *Átimo*, esse insistente repetidor de foco, paciência e definição. Um tagarela incansável. Até no silêncio *ele* fala. Não dizendo nada, *ele* fala. Com sua aparência indecifrável, o humor *dele* parecia muito com o meu: as vezes, do nada, um *frisson*, uma excitação de coisa alguma; depois, vontade de dormir. Em minha companhia, *Átimo*, lá com seus vinte anos de idade, apareceu de improviso. Chegou, nem licença pediu. Foi logo dizendo: *tudo é* retorno ao presente. De início, pouco esforço fiz para *entendê-lo*. Afinal, já tinha dentro de mim, muito desse preceito. E, convenhamos que, quando alguém chega sem pedir licença, para nossa companhia afeita à solidão, incomoda e nos causa repulsa imediata.

Estive entre muitas leituras, após chegar de uma aula na universidade. Não sabia que fosse se tornar tão dificultosa a necessidade de expressar relações com a natureza, dentro de um Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Para mim era fácil. Pegar uma mochila, colocar nas costas, reunir os amigos e celebrar a vida. Simples, assim. No entanto, minhas escolhas de trilhar uma formação acadêmica me colocavam distante daquilo que, desde pequeno, sei fazer. Mais que fazer, sei sentir. Estava ali, deitado num colchão, sem estética de uso formal. Ali, no leito, eu lia, ria, dormia, comia, traía a mim mesmo e a tantas outras pessoas, acostumadas a reter fluxos. Eu, nesse fluxo-instante, escapava da vida e a reencontrava, simplesmente.

Um cansaço e indigestão, nascidos de aulas programáticas, cheias de controle sobre pensamentos e corpos, seguiam dias a fio. Minhas sensações estavam produzindo dor e, de fato, eu precisava sair daquele tipo de autopunição. Foi nesse instante que, ao lado, passei a dialogar com a presença inabalável de *Átimo*. Com seus 1,83 metros de altura, riso sempre

aberto e cabeleira tão vasta quanto a minha, mesmo com o incômodo do inesperado, puxei assunto:

– “E aí, cara?! Quem é você? Como entrou aqui? É colega de Leonardo ou de Carol⁷? Nos conhecemos”? Questionei, quase sem fôlego.

Nenhuma resposta. Apenas leve sorriso, quase estático, um ou outro desvio de olhar para o cenário, e para o ambiente em que me encontrava. Mexia lentamente em pequenos pedaços de papel atirados ao chão. Fiquei puto com o que via. E, sem medo algum, tentei levantar. Sem êxito. E, aquele jovem, ali, sorrindo, vindo em minha direção. O que acontecia, ali, comigo? Estava convencido que era efeito de minhas próprias queixas-de-mundo. Não havia ingerido álcool, mas, estive degustando a companhia de evanescente hálito, em flores secas potentes de reconexão com a Terra, desacelerando meu ritmo e relaxando-me, prazerosamente, ao final do dia. Por longos minutos, insisti sobre a identificação daquele à minha frente.

Meu nome é *Átimo*. Você me trouxe aqui e estou à disposição para desconstruir mais-e-várias verdades – disse ele resoluto. Fiquei atônito. Como assim, eu ter criado alguém? Era um fantasma? Uma ilusão? Estava eu em limites de loucura iminente? Se fosse, tudo isso acabaria em questões de segundos e, sem dúvidas, tudo voltaria a ser como antes. Então, passei a dar *trela* a quem se aut nomeou *Átimo*. Quis saber de sua história. Resposta: *minha história é o instante presente*. Não tinha memória passada, nem projeções futuras. Nem retinha e nem projetava – afirmava, insistentemente. Uma sensação de frio tomou conta de todo sistema autônomo. Fui desfalecendo, sentindo meu pulso compassar lento. Num só pulo, fiquei de pé. E lá estava *Átimo*. Não tinha jeito. Tudo indicava que seria um longo processo de zombaria alheia, além de intermináveis especialistas a diagnosticar problemas mentais, etc. Afinal, estava eu, vendo o que estava vendo? Apenas, eu? E, nesse turbilhão, ali, *Átimo* insistente, disse: *quando começamos?*

Meu desespero era evidente, mas, parcimonioso. Era preciso não deixar que as pessoas mais próximas pudessem saber do ocorrido. Sei lá, pensava. Eu iria me acostumar. Aquilo acabaria entre dois ou três noites. E segui, entre rotinas e inesperadas situações. Lá se foram longos dias e noites. Há um mês que eu estive em inquietude e incômoda experiência. Quis várias vezes falar com *Vitus*, meu orientador de pesquisa, mas, de algum modo,

⁷ Leonardo e Carol são meus irmãos consanguíneos. Estes nomes são, aqui empregados, no sentido original, não alegórico ou metafórico devido a autorização obtida previamente. Aos demais participantes citados foram atribuídos pseudônimos.

ele com sua mania de sensibilidade gnóstica iria mais me perturbar do que fazer cessar esse tipo de coisa. Estava enlouquecido. Sabe-se lá como a progressão do ocorrido teria desfecho. Não passou, depois das três noites e, agora, trinta e dois dias depois, já tenho costume ver aquela figura ao lado. E, apenas, ao lado, aquela figura risonha, expressivamente silenciosa. Em qualquer situação, em qualquer momento, dia ou noite, *Átimo* ficava ao redor. Vez ou outra mexia em meus registros, anotações de estudo. Sempre sorrindo, nada mais. Aos poucos fui me acostumando e de observado, passei a observar. Sintonia. Comunhão. Passei a desacelerar e a sorrir, estaticamente ou em movimento, assim como *ele*.

Estava feito – disse *Átimo*. E, com ar de humorada ironia, disse que, se eu não cedesse, *ele ficaria por aqui*, instante a instante, na minha cabeça eu lia, ouvia e entendia exatamente: “ficarei por anos a fio”, quer dizer, dentro da linguagem dele, instante a instante sem fim, até porque ele não tem noção de tempo passado ou futuro. E, imagino, não seria problema algum, para ele, estar num fluxo do presente, na minha presença. E assim fomos nos acostumando. Em menos de setenta e duas horas, depois de aceita-lo, eu já estava mais falante, por via do silêncio, do que de costume. Já fazia menos barulho, a não ser com minhas músicas eletrônicas que pareciam não afetar o humor de *Átimo*. Surgiu a imensa vontade de me entreter com a experiência. Não adiantava pedir ao *Átimo* que falasse sobre sua experiência. Ele era só presente, o *instante-ali*. Repetia-se, incansavelmente, por entre novidades, fluxos e desconhecidas *porções de atos*. Estava feita a comunhão entre nós dois. Mas não era o suficiente. Precisávamos de outros interlocutores.

Na base de minhas memórias, alimentava um passado e uma expectativa. *Como seria viver o tempo presente a todo instante?* Um torpor me somou em gargalhada, afinal, eu estava mesmo acostumado a deixar passar os instantes ou a correr atrás daquilo que supostamente viria, a posteriori. Até chegar à compreensão menos agonizante do que me ocorria, *Átimo*, sem a pressão enlouquecedora de quem vive de tempo a cumprir, seguia ao meu lado. Recordo que em uma tarde de terça-feira, após a calorosa recepção de velhos amigos, em encontro informal, eu estava mais atento ao que se passava, *no presente*, tornando-me, sem perceber, ciente no *agora*. E, como era estranho perceber isso. Um insistente retorno do tempo presente (que passa e que se alonga), mas que se dobra em torno de si mesmo, recriando fluxos e produzindo novidades. Decidi sair para respirar ar fresco. A temperatura estava sufocante.

Em meio à multidão, encontrei conhecidos. Não me recordo exatamente quem. Fui questionado sobre o que andava fazendo nos arredores da Universidade. Disse aos interlocutores que estava estudando, pesquisando

os *festivais alternativos de cultura e as relações com a natureza*. E só, naquele instante. Ensaiei dizer, ainda, a palavra *trance*, mas, certo de que, ou seria logo entendido, ou me consumiria em alguns longos minutos de explicações sobre isso, aquilo, aquilo outro. Não para minha surpresa, já estava acostumado a isso, a pergunta era retórica, sem autêntico desejo de *saber*. Um choque



notar que não era a primeira vez que me deparava com *pré-conceitos* em torno ao que fazia. Entre colegas de formação acadêmica, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA da Universidade Federal de Sergipe, minhas aparições públicas e exposições de ideias despertavam peculiar resistência ou restrito entendimento sobre minhas andanças na pesquisa. Quase sempre, estudar um *festival de cultura alternativa* deveria ser voltado para as questões da sustentabilidade, buscar o “negócio lucrativo” que há nesse tipo de encontro, discutir a exploração capitalista de pessoas que, dizendo-se anticapitalistas, consomem, pagam e produzem vendas, lucros e alienam-se, coletivamente, em nome de *New Age*, ou qualquer coisa do tipo. Assim, apareciam as *caras-e-bocas* de tantos, diante de uma pesquisa acadêmica, no mínimo estranha, não habitual. A experiência *trance* é inexplicável⁸. E não apenas para mim, já que a experimentação de corpo inteiro é o que define cada tipo de sensação para muitos participantes dos Festivais.

Naquele instante, não percebi a presença de *Átimo*, à espreita. Ele estava ouvindo toda a conversa e observando meu mal-estar, meus sentimentos e pensamentos. Justo, agora! Pensava eu. Ele, respondia: *somente, agora?* Deu-se nosso diálogo com palavras ásperas. Desta vez, partiu dele. Colocou-se à frente de meus passos, como se desejasse interromper, brevemente, qualquer tipo de distração. Com a suavidade que lhe era característica, sem titubeio ou falta de clareza, interrogou, seguidas vezes: *Por que você insiste em se afetar tanto com processos tão pequenos? Não vá me dizer que está “perturbadinho” com os olhares enviesados de outras pessoas? Bebezinho está com medo?*

E, após breve pausa, com firmeza, continuou: *...é tempo de seguir com leveza, rapaz! A pesquisa não é sinônimo de penitências. Larga essa mania, comum a tantos, de enxergar-se como ameaçado e vítima. Deixa de cena e exercita a tolerância, a mais profunda tolerância, começando por tolerar teus próprios limites. Tolerar e aceitar o quanto podes, no que*

⁸ Recomenda-se o acesso a depoimentos ou relatos, parciais ou completos, de participantes de Festivais Alternativos (dentre eles, o *Trance*). Então, clique aqui para conhecer alguns. Caso deseje ver, posteriormente, retorne ao link acima para fazer remissão aos registros filmicos.

tens em si. Não se pode querer, simplesmente. Consegues entender, isso? É o seguinte, me alertava *Átimo*: ou eu permaneceria ao meu lado, sem alarde, ou, nas palavras dele *segue a multidão cansada pela distância que mantém de si mesmos, sem contato, sem pele, sem respeito próprio*.

O meu ímpeto era sair daquela situação. Estava cheio de melindres, afetado, como diante de bronca de pai e mãe. Que horror! Me sentia diante de um moralista! Eu queria era liberdade, fazer de minha própria vida, vontade própria e não ter mais um *chato de galocha*, ainda mais uma aparição louca, surgida de repente, fruto de minha loucura. É! Eu estava mesmo era cansado. E, o modo de resolver a situação era partir para cima, abandonar tudo, me desligar de tudo, dar um sumiço e depois, ver o que fazer, diante dos estragos ou de acertos. *Átimo*, sem cerimônia, dominou minhas reações. Sinalizou: *dê-se ao instante. O que te falta, agora?* Silêncio entre nós. *Quer minha ajuda?* Silêncio. Após longos segundos, respirei com consciência da situação. Afirmativamente, respondi. Caminhamos por entre árvores ressequidas e uma leve brisa acariciava a pele cansada de meus dias.

Quando ocorrerá o Festival? No mesmo período de sempre, respondi! Final de dezembro, início de janeiro. *Uma semana para celebrarmos com música, outros e novos feitos*. É engraçado como *Átimo*, interpela. Surge do absoluto silêncio. Chego a tomar um susto. Estamos em agosto de 2015, quase cinco meses se passaram, entre iniciar e encerrar o semestre. O retorno a uma calmaria é comum. Quase. Daqui a pouco, matrícula para novo semestre. Eu quero mesmo é ir a campo. As aulas na universidade me tornaram enfadonho comigo mesmo. Nem uma, nem duas, nem três vezes, ficava ali, ouvindo, ouvindo, e, ao tentar falar, o descaso por minha franca linguagem, solta, desamarrada, em pulos. Eu via coerência com o tipo de visão de mundo e de experiências já vividas. Sempre estive no limite do vazio pela experiência. Falo, penso que digo, e, digo mesmo é outra coisa. A universidade estava ali, denunciando que meus pensamentos me escapam. Tola situação porque, a universidade e seus representantes, esquecem de que o que me escapa não é vida, certamente sempre será qualquer tipo de domesticação requintada com nome de ciência. E, a companhia de *Átimo* fez até contato com o mais profundo de minhas ideias. Bem, era só conversar e pronto. Estava tudo resolvido. *Não está mesmo!* Lástima! E o que me falta? (...) aquela pergunta ecoava a todo momento. *Distinção*. Fiquei confuso com aquele tipo de conversa. *Distinção* não seria dar destaque a mim mesmo entre as pessoas? *Distinção*, falou calmamente *Átimo*, *é modo de se perceber singular, sem condição especial*. Ficava confuso com essas frases de *Átimo*. E, continuava ele, sem

trégua: *e a pesquisa, as leituras, as andanças?* Parecia a autoridade saída do **** ... vocês sabem bem de onde. O fato é que eu estava sem pique para estudos de ciências ambientais do modo como se fazia ciência, ali. Inevitavelmente, meu interlocutor concretizava, após bom tempo de convivência mútua, momentos inesquecíveis de diálogos conhecimentos e sensações. Estava convencido de que *ele* me dobraria pelo hábito. Já nem trazia menor lembrança de que *Átimo* era um protagonista de mim mesmo.

Alta madrugada anunciava a chegada de brisa suave, depois de dias intensos de calor. A tendência autorreflexiva em ciências humanas ocorrida nas últimas décadas do século XX, principalmente, na antropologia cultural, somava-se aos meus pensamentos que desenhavam, sempre de modo acelerado, noções e sentimentos sobre o processo de formação na pesquisa. Eu estava condicionado! Sim, admitia! Estava vivendo rumores de que se passa a vida inteira desperto para, em instante imprevisto, saber-se dormente, sem a leveza dos que veem com os olhos da escolha de andarilho. Não se tratou, nem hoje e nem em outro instante, de abraçar a novidade, já velha, das minhas percepções sobre meu próprio itinerário na pesquisa. Estava ao meu lado e em minha companhia, desta vez, James Clifford, eminente historiador e antropólogo estadunidense (1945-****). Era companhia material, viu! Em minhas mãos, a obra *A Experiência Etnográfica*. Uma sensação ácida ao degustar palavras, juro, *feitas para olhos cansados de um mundo fabricado*, diferente daquele que se vive fora das salas de aulas acadêmicas. O mundo fabricado dos grupos de pesquisas e seus pesquisadores, cheios de teorias a manter, de métodos a replicar e garantir *status* simplesmente pela filiação, ordenamento e reprodução em massa de coisas, coisas e mais coisas. Infelizes coisas universitárias. James Clifford, propunha uma reviravolta no modo como, em contato com as culturas, compomos os registros de história e de literatura. Toda palavra, ali, percorria, em instantes, um furacão de perguntas e de celebrações. Pensava: como não vi isso antes? Quem é esse cara? *Átimo*, quem sabe, já ouvira falar sobre ele? E o limite entre antropologia, história e literatura, como fica? Estava excitado! A um só golpe li páginas e páginas da obra. Estranho, após meses de inércia, sem a motivação para leituras, encontrar diálogo tão intenso, às madrugadas. Estranho, também, foi o sumiço de *Átimo*. Por cinco dias, não o vi chegar, sentar, sorrir e papear ao estilo direto, suas reflexões sobre coisas complexas, com a simplicidade de quem diz pouco, sem esforço, senão aquilo que é o comprometimento com a fluidez, firmeza e desaparego a Verdade.

No primeiro trimestre de formação o objeto de pesquisa foi delineado com o esforço de quem anseia entender, logo de cara, a complexidade da vida social. Eu estava convencido de que bastava delimitar objetivos, pegar uma filmadora, celular para gravar entrevistas e pronto. Entusiasmado, ainda não sentia a presença violenta das autoridades de ciência, frente a frente, como testemunhas vivas de um processo longo de convencimento ou pelo medo (de reprovação, de nota C ou D, por exemplo) ou pelo reconhecimento público de bom aluno (repetir, ao estilo variado de cada um dos formadores, suas prontas verdades, tal qual foram ditas em sala de aula, nem mais, nem menos). Comecei a fazer todo *design* da pesquisa. Bem verdade que *não me ligava* em filiação teórico-metodológico, inicialmente. Não entendi, tão logo adentrei na formação de pesquisa, que ciência exige grupo, Partido.

[...] A classe dirigente tradicional, que tem um numeroso pessoal treinado, muda homens e programas e retoma o controle que lhe fugia com uma rigidez maior do que a que se verifica entre classes subalternas; faz talvez sacrifícios, expõe-se a um futuro obscuro com promessas demagógicas, mas matem o poder, reforça-o momentaneamente e dele se serve para esmagar o adversário e desbaratar seus dirigentes [...]

(GRAMSCI, 2000: 61)

Dedicava-me horas a fio na montagem de estratégias, conversas, contatos. Estava assim. Convencia-me, de modo ingênuo, que minha presença nos *Festivais* já me dava crédito suficiente para interagir sem menor dificuldade. No computador, as ideias estavam potentes. Entusiasmado, fui pego de surpresa: repente o computador não respondia mais. No pensamento, aquelas palavras de agonia a me dizer que eu precisava ter salvo logo tudo aquilo. Afinal, em um notebook antigo, não se pode confiar, nunca. Algumas ideias dispostas, texto trabalhado, imagens selecionadas e a perda do andamento do processo. Resolvi que seria hora de parar e dar uma respirada. Mas, estava feito. Ao menos, ali, mentalmente, ainda guardava os traços do *desenho inicial*.

Sem dúvidas meu objetivo era descrever o produto cultural denominado *festival de trance psicodélico*, registrando hábitos, costumes e práticas comuns nos seus espaços, para entender seu papel no cenário da sociedade pós-moderna e o que este tem produzido com relação à cultura pró-ambiental. Minhas leituras, debates e todo processo formativo me levava a isso. Eu sentia

A antropologia, baseada no trabalho de campo, ao constituir sua autoridade, constrói e reconstrói coerentes outros culturais e eus interpretativos. Se esta automodelagem etnográfica pressupõe mentiras de omissão e de retórica, ela também torna possível o relato de poderosas verdades”

(JAMES, CLIFFORD, 1998:126).

uma estranheza em todo percurso porque sabia que o que vivia nos *festivais* não continha o mundo harmônico dos teóricos acadêmicos, aqueles acostumados a *xerocopiar* e *replicar* o que os olhos viciados já definiam

de antemão. A proposta era bastante elucidativa: eu iria registrar impressões, manifestações e motivações dos grupos presentes nos festivais, mesmo sabendo que havia uma diversidade deles, evidenciando aspectos que ajudem a pensar a cultura (alternativa) contemporânea no cenário das estratégias para enfrentamento da crise ambiental (estrutural ou de consciência), sustentada por paradigmas falidos.



Quanto ao método (procedimentos, estratégias, instrumentos e técnicas) eu estava dividido entre os fundamentos antropológicos e o viés sociológico. Não sei bem, até hoje, se um e outro campo são mesmo tão diferentes, após a imersão e uso de procedimento da pesquisa descritiva.

No geral, a adoção metodológica pautou-se na imersão, contato, observação, entendimento e descrição dos fenômenos. Desse modo, o processo registrou hábitos, costumes e práticas comuns no ambiente desses festivais e, exteriormente, entre os seus integrantes (através de observação, diários, relatos e entrevistas antes, durante e depois dos eventos, fotografias, materiais audiovisuais e conteúdo de mídias sociais) com o intuito de abarcar o máximo de informação possível para delinear o que esse nicho cultural tem produzido e apreender características que pudessem ser vinculadas à promoção daquilo que se conhece por comportamento pró-ambiental (ARBUTHNOT, 1977; WEIGEL, 1977; OSTMAN E PARKER, 1987).

Átimo demonstrou-se interessado em minhas reflexões e estados emocionais, em ebulição, durante o desenvolvimento da pesquisa. *Ele* havia notado que ocorreria mudança em meus modos costumeiros de pensar sobre a natureza, a sociedade e a cultura nas relações cotidianas e, em específico, nos *festivais de cultura alternativa*. De minha parte, já estava mesmo era cedido aos golpes do *Novo Partido*, aquele dos intelectuais, na linguagem gramsciana. De qualquer modo, a presença marcante de *Átimo* foi possibilitando o uso consciente da distração, do foco, do envolvimento e da soltura das coisas. Como sempre, ouvi, a um de repente: *fale mais sobre conduta pró-ambiental!*

Dirigindo-me, sem solenidade alguma, para o lado esquerdo do quarto de dormir, sem titubear, dei ênfase à existência da relação entre a conduta ambientalmente responsável e as características psicológicas dos indivíduos (atitudes, conhecimentos e personalidade). Notoriamente, estudos apontaram que pessoas de tendência política, religiosa e social, liberais, teriam maior preocupação e cuidado com o meio ambiente (ARBUTHNOT, 1977). A relação positiva entre ideologia liberal e comportamento pró-ambiental também é apontada em Weigel (1977), ao

passo que Ostman e Parker (1987) declararam que a informação acerca dos problemas ambientais sugeria tendências consideráveis a um comportamento amigável com o meio ambiente. Eu ficava reticente e acuado com o tipo de interlocução feita com *Átimo*. Aqueles olhos amendoados e o sorriso incessante, mesmo em ironia ou discordâncias, antecipavam minhas perturbações filosóficas e intelectuais. Num só pulo, como um felino desperto e interessado em sua presa, fui logo dizendo: *Átimo*, sei que você vai me questionar sobre a expressão “comportamento amigável com o meio ambiente”. Sei também que você preza bastante minhas leituras e que, nesse exato momento, você não as deseja ouvir. Porém, não evitarei descumprir seus desejos. Vou logo ao que não me pede. Conforme Campbell (2006) o comportamento ambientalmente amigável seria “a conduta ou a ação de um indivíduo como unidade em um ambiente”. Não é somente isso. Ribeiro et al. (2004) define o comportamento pró-ambiental como “um conjunto de comportamentos considerados responsáveis para a conservação dos recursos naturais e para a manutenção da vida humana”.

Para minha surpresa e alívio imediato, *Átimo* ficou convencido que eu não estava desatento nem com as leituras e nem com o modo partilhado de fazer ciência *dos cientistas*. E, para não me antever olhares de acusação, para pular fora do umbigo do desespero, e nem me descaracterizar como jovem pesquisador, eu fui logo dando ênfase em problematização do tema. Veja bem, disse eu com o sorriso irônico estampado no rosto, o tema requer uma reflexão. É não só urgente, mas, necessária. O que tenho percebido nas tradições dos estudos sociológicos e antropológicos, principalmente, nos estudos dos primeiros cinquenta anos do século XX, é uma adoção de defesa, formulação e construção dos aportes teóricos e metodológicos, feita por diferentes representantes legítimos de cada área de conhecimento. Graças aos inúmeros pesquisadores do século passado, as ciências humanas e sociais obtiveram relativa autonomia e aceitação dentro da legitimidade e da validade de rigor requerida pelos pares em outros campos do conhecimento, como é o caso das ciências da natureza e mesmo da filosofia.

No entanto, segui resoluto, é necessário destacar, dentro das pesquisas sociais, a importância da efemeridade e do que é inesperado dentro das interações sociais e da produção de sentido feitas pelos homens, culturalmente situados. Digo efemeridade, mas não qualquer efemeridade. É uma efemeridade profunda na perspectiva dos sujeitos e na relação homem-meio para entender que o homem e o meio são integrados no Uno, e que dessa integração surge um campo bastante fecundo de análise e compreensão do sujeito-objeto-contextos em suas contradições,

mudanças, alterações, rupturas e diferença. Entretanto, parafraseando Morin (1999), *o conhecimento tem tempo e lugar para existir*. Assim, trazer interpretações de outro “tempo” para a pesquisa inflacionaria a compreensão por demonstrar situações imprecisas e incoerentes com a dinâmica em fluxo, acompanhada e ocorrida em tempo-espço diferentes, além de expor, pelas lentes de macroteorias, paradigmas clássicos, o que cria uma perspectiva engessada das experiências contemporâneas nas atividades antropológicas, dentro de uma perspectiva crítica ou pós-moderna.

Recorrendo, pois, ao recorte teórico de uma sociologia compreensiva, onde a concepção de que todo sujeito social “teria a capacidade de penetrar o vivido e de se experimentar em outro sujeito”, é possível compreender a vida cotidiana sendo realizada “entre as interpretações de conteúdos objetivos somados à busca de compreender o outro e se estabelecer com ele uma relação” (CIDREIRA, 2014: 08) e nesse sentido alcançar significações mais alinhadas com o percurso empreendido na pesquisa sobre os *festivals de cultura alternativa*, ou seja, aquelas que possibilitam

[...] toda relação e significação do mundo comportam sempre um ou vários momentos de compreensão intuitiva, a partir de um esforço de empatia, de significações das quais todos os fatos humanos e sociais estudados são portadores. Sobretudo, é preciso entender que a abordagem compreensiva constitui-se como uma pesquisa do sentido, atenta às intenções, motivações, valores dos atores, crenças, tudo, enfim, que justifica, de maneira subjetiva, as ações dos sujeitos sociais

(CIDREIRA, 2014: 08)

observar as estruturas significantes que produzem as ações, e por meio das quais elas podem ser percebidas e interpretadas.

Já haviam passado mais de quatro horas, dentro de um tempo cronológico. Sei disso porque me acostumei a colocar, atenciosamente, ao lado, a frente ou em qualquer lugar visível, registro de tempo não psicológico, para evitar não me exceder na vivência de formação junto a *Átimo*. Era assim: quando tínhamos noção, o dia já abraçava a noite, que não me colocava facilmente ao repouso. Lá ficávamos, eu e *Átimo*, entre enormes goles de água, comidas, nem sempre leves, e nossa companhia evanescente, primorosa, artesã da sensibilidade, ainda, filha ingrata da ignorância civil e dos abusos. Entre fumaças, pensamentos iam e viam.

Estávamos bem acostumados um com o outro. Meu corpo já compunha uma outra estruturação, orquestrada como em sinfonias de mais pura sensibilidade. E, era urgente, fazer conexões com outros mundos. Conexões carnavais, visceralidade presente, na busca de golpes arriscados de fabricar vidas entre vidas. Sem preocupação, convidei *Átimo* para sair e

encontrar corpo-a-corpo, a mais formosa criatura entre os humanos, uma mulher-inteira disposta a experiência sensível de intimidade. Estava tudo tranquilo. Estava feliz e, se não sabem, quando a gente está feliz a gente quer mesmo é ampliar isso. Gratificada será quem sintonizar, nesta noite, comigo. Partimos, madrugada a dentro, aos lampejos de emoções discretas, ao encontro.

Maf-fe-so-li! Sussurrou pausadamente, *Átimo*. Era meio dia em ponto. Já havia encontrado uma ou outra leitura, remissão a isso ou aquilo sobre o autor indicado. Aliás, uma das palestras de *Vitus*, acompanhada por mim, entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014, fazia festa com o jogo das palavras, ainda incompreensíveis para mim. Apenas me dava uma sensação de contágio frenético. Ali, palavras eram ditas com aguda simplicidade e tamanha vibração. A plateia ficava atônita. E, confesso, eu amava perceber a destreza do manejo do verbo, um a um, sendo esticado até o limite do rompimento. Foi assim que me dei conta que as sensações que havia mantido em mim, puseram-me na decisão de prestar seleção para o mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe. Primeiro, acompanhei a formação inteira de *Tia Carla*. Morávamos, inicialmente, na mesma casa, ainda quando eu fazia graduação. Era comum o debate entre nós e minha via satírica e remexida frente as ideias de meio ambiente e de sustentabilidade. Depois, a convivência com *Vitus*, através de *Tia Carla*, tornava impossível fechar contato com ideias contemporâneas sobre meio ambiente, pesquisa-formação, desenvolvimento e métodos inventivos na ciência. Maffesoli, de volta ao que me interessa, era um desconhecido excêntrico. Não me atraía sua figura bem arrumada, ao que me deixava afoito ver *Vitus*, meu futuro orientador de pesquisa, dando palestras com blusa, cor mostarda, com estampa de Wolverine da *Marvel*, por exemplo. Uma figuração, no mínimo estranha dentro do ambiente acadêmico. E, além disso, formal, comedido nos atos de fala. Na cena, um turbilhão de fermentos, não é possível esquecer a plateia e os apelos *em nome de Deus* para que se desfizesse aquelas “injúrias” porque precisávamos de *mais valores*, moral cínica de quem quer mesmo é controlar messianicamente o mundo, dando-lhe, ao que apetece, aquilo que julgam não ter: consciência, qualidade de vida, padrões.

Sei que você ficou um bom tempo sem diálogo voltado para Maffesoli, sem abertura alguma às ideias vulcânicas desse Filho de Hades – sabem bem quem nos trouxe essa informação, não é mesmo?! Sim. Átimo. A forma peculiar de expressão já não me trazia confuso entendimento. Ali, a mensagem estava clara. Perdendo tempo ou não, retuquei, sorrateiro,

agora, confiante: - Quem lhe disse que não li? Já tenho acessível, no formato digital, não somente *O Tempo das Tribos* (2006), mas *Saturação* (2010a) e *Apocalypse* (2010b). *Átimo*, em pronto momento de presença, durante o diálogo, rindo, ponderou que *A Sombra de Dionísio: contribuição para uma sociologia da orgia* (2005a) e *O Conhecimento Comum: introdução a uma sociologia compreensiva* (2007) eram leituras obrigatórias para a melhor compreensão sobre as obras, inicialmente destacadas por mim, como sendo referencial dialógico, aprendizagem e entretenimento de formação. O ponto básico em destaque entre eu e *Átimo* era somente a compreensão mais profunda das relações sociais e das dinâmicas ocorridas entre os participantes dos *festivais de cultura alternativos*. Nesse período, dentro do meu território de conhecimento acadêmico, a circulação de ideias sobre o tema estava ainda sobre o domínio de análises pós-coloniais (CANCLINI, 1997; GRUZINSKI, 2001; HALL, 1998), nas quais a ideia de representação, poder e reconhecimento pairava entre os grupos, articulados, em defesa de suas idiossincrasias, trajetórias e existência social. Na vida prática, no dia a dia, junto a outras pessoas que, como eu, já participava de *festivais alternativos*, numa circulação de total imersão e celebrativa entrega, o que se percebia eram outros contornos. Eu notei que *Átimo* estava esboçando suas peripécias de levantar questões perturbadoras em momentos de suposta calma de entendimento. *Os vínculos e a comunhão ocorridos entre os frequentadores dos festivais desnorteiam as explicações clássicas de sociólogos voltados à reprodução, espelhamento ou dramaturgia social. É intenso como as tradições e efêmero como o presente.* O que dizer diante de tamanha clareza de percepção. Eu estava treinado contestar qualquer coisa, principalmente quando me desafiava, seja discordando ou concordando. Mas, o lance era perturbar, como bem dizia *Átimo*.

Sob aquelas crispas enlouquecedoras de calor, a pino de meio dia, meu estômago, viciado a não cumprir as regras de muitos, mal dava sinal de vida. Acho que estava mesmo era alojado entre o cérebro e alguma matéria conexa entre pensamentos, ideias, sensações e imagens. Aos breves lampejos, comuns em diálogos fecundos, *Átimo* tornava-se cada vez mais inquietante. Assim, discutimos sobre as maneiras com as quais os agrupamentos contemporâneos traduzem a força de comunhão entre si. Recordamos, juntos, que Maffesoli já pontuava que essa comunhão é que “cimenta” a sociedade. O culto ao corpo, ao hedonismo, ao excêntrico e a circulação e troca de energias, pelo princípio da reciprocidade, chamado por Maffesoli de *socialidade*, esteve diante de nossas reflexões, em principal foco de interesse, pelo destaque dado às interações sociais concretas dos participantes de *festivais alternativos*, através de eventos festivos, no caso particular dos festivais psicodélicos. E, pensando sobre a

sustentabilidade ... tomei um susto. Desde quando passei a ter contato sistemático com as leituras sobre o assunto, percebi um distanciamento entre o que é comumente divulgado na literatura científica, nos movimentos sociais, movimentos culturais, ligados à defesa da vida planetária e o que experienciava junto com os participantes dos *festivals*.

O que acompanhava, vivia e sentia nos *festivals de cultura alternativa* descolava-se da pauta ideológica de uma versão econômica de capitalismo. Os experimentos sociais, funcionavam como vivências profundas de interconexão, *religação* de vias de sentido, nas quais o estado de vibração individual, singularizado por nuances híbridas, compunha um mosaico coletivista de unificação da diversidade. Sempre encontrei nos *festivals* uma pele emocional fina, sensória, capaz de aglutinar, integrar e dialogar com quem quer que fosse, sob quaisquer aspectos, aparências ou estados. Ali, nos *festivals* a comunicação entre as pessoas ocorre, sempre, de modo simpático. Como diria *Vitus* é uma *relação simpatética* cuja força de atração imprime incluir a diferença em seu estado mais original: o que difere de si mesmo, sempre, em multiplicidade (SOUZA, 2007). Nas minhas palavras, essa multiplicidade ocorre como uma sinergia entre campos distintos, aglutinados em um mesmo *corpus*, o *Trance*.

Para meu sossego, o alerta de *Átimo*, veio no momento oportuno. *É verdade que com o sucesso do Goa Trance e a popularização dos festivals ao longo dos anos de 1990, o gênero se desdobrou em vários subgêneros e cenas*. De fato, respondi a *ele*. Um crescimento internacional, inclusive. O que ocorreu desde essa época *Átimo* foi a proclamação de Goa como o berço da autêntica *cultura trance experimental*. Ele, satisfeito com o desenrolar da conversa, ponderou: *resultado das intervenções de grupos e turísticas*. Rimos juntos pela sintonia agradável, e, por fim, destaquei a “atenção da mídia”. De imediato, ocorreu-me a lembrança das contribuições de SALDANHA (2007) e D'ANDREA (2004, 2007 e 2010) a respeito dos elementos que acabávamos de trazer à tona em nosso bate-papo.

Eu permanecia entretido com o diálogo. Claro que, entre uma pausa e outra, registrava sob forma de conto, os movimentos de cada parte da pesquisa. Em uma pausa forçada pela exigência nada sutil da fisiologia, com a sede há muito adiada, seguimos, eu e *Átimo* até a cozinha. Ali mesmo, conversando em voz alta, colocava a água no copo e dava continuidade ao que vinha à mente com força de expressiva pertinência. *Átimo*, reconhecia minhas expressões faciais a distâncias incalculáveis. Continuei, mesmo sem a surpresa por parte de meu interlocutor. – Precisamos lembrar que, no final dos anos de 1990, as plataformas de compartilhamento de arquivos, sites de redes sociais, fóruns eletrônicos,

etc., se tornariam ferramentas cruciais para as gravadoras e produtoras venderem seus produtos, divulgar eventos e consolidar uma comunidade do *psytrance* na internet. Dito isso, dei-me logo conta que estava, novamente, irônico, necessariamente. E, isso não é senso comum, basta ler JHON (2009). *Átimo* sorria largamente, com a fatura de impecáveis dentes, sempre afiados para qualquer situação. O grande lance do *Trance* é a convergência máxima de forças de atração que exerce na perspectiva de unir as pessoas, atrai-las para um estado de reconexão com o subliminar, o sensório e o contato com a *Terra*. Diante de toda aquela movimentação, provocada dentro e entre os sujeitos inseridos no contexto de festivais de cultura alternativa, uma fina camada de pele cobria minha face. Eu estava falando por horas com *Átimo*, principalmente, agora, circulando entre minhas experiências de imersão e as aventuras antropológicas que, admito, foram me transmutando, fazendo emergir possibilidades das quais eu sequer tinha noção, anseio ou interesse.

O ambiente era um dos mais ricos em diversidade. Crianças, idosos, jovens adultos, adolescentes, negros, hippies, mulheres, gays, ambientalistas, músicos, pessoas com necessidades especiais ou com deficiência, empresários, artistas, coletores de resíduos sólidos e estudantes como eu, ávidos por doses variadas de retorno à vida, recheada de autênticas sensações. Porém, o estado de aparência imediata do aglomerado de pessoas em busca de vivências profundas em torno de si mesmo e da natureza, causaria espanto a qualquer pesquisador desavisado. Ninguém conseguiu, até hoje, entrar ou sair sem ser aceito, visto, mantido em diálogo. Mais parecia uma comunidade existente há muitos e muitos séculos, dado a sensação de abrigo, respeito e tolerância. Ali, não interessava a classe social, o traje da moda, tatuagens, coloridos de cabelo, montante de dinheiro disponível ao momento ou a posteriori. Vi passar diversos grupos menores, nem sempre definidos como se espera qualquer pesquisador iniciante ou ortodoxo. E, confesso, que, na tentativa de agrupar minimamente os participantes, em menor quantidade que cinco tentativas, estava convencido da impossibilidade. Não se tratava de grupos demarcados por este ou aquele critério. Ao mesmo tempo éramos um todo-inteiro-misto, arranjado com traços bem fortes de atração entre os membros; outras e muitas vezes, esses mesmos arranjos se desfaziam ali mesmo porque, ao som da música, com os ritmos dos corpos e sensações



Figura 1. Universo Paralelo. Psicodelia 2014.

http://psicodelia.org/sites/default/files/up12_nakata-4936.jpg

individuais, cada um, singularmente, ia rearranjando-se em novo nicho, e de novo, e mais uma vez. Fiquei encantado, agora, com a perspectiva de



Figura 2. Psicodelia.org

http://psicodelia.org/sites/default/files/4267763802_f45f83aba6.jpg

poder relatar essa dinâmica. Procurei *Átimo* e o percebi meditando debaixo de um forte e jovem coqueiro. Horário local, 21h e 13min. Na perspectiva de *Átimo*, era *agora*. Desta vez, evitei o diálogo direto, feito com perguntas e trocas de informações tão costumeira. Decidi observá-lo de onde estava. Aliás, não poderia estar em lugar mais adequado. Após ter passado mais de

quatro horas dançando, com a sensação estúpida de menos que dez minutos, sem cansaço algum, retirei o papel do bolso, discretamente e coloquei algumas palavras a respeito do quadro que se desenrolava logo a frente. Se sei quais palavras registrei? Claro! Uma a uma: música, corpo e composição. Sem dúvidas, estava no reino do sensorio. Observei, ainda, que além de toda movimentação, no mesmo estado de contemplação e meditação profunda, em meio a música eletrônica, outras pessoas, oito ao total, encontravam-se no mesmo ritmo de conexão que *Átimo*. Fiquei observando toda a multidão e seus movimentos particulares. Como era isso possível? Estariam em transe profundo, tanto os que dançam, em ritmo próprio e muitas vezes desajeitado, quanto os que meditam, inclusive de olhos bem abertos e com repetições de palavras, movimentos e expressões?

Justifico. A música trance e seus efeitos estava dentro de minhas primeiras anotações. Como publicitário e pesquisador em ciências ambientais, não deixei de notar que a composição de toda arquitetura era planejada com a finalidade de garantir imersão total dos participantes em ambiente híbrido: era natureza e era *high-tech*. Para saber qual o impacto gerado por toda aquela composição de linguagem, bem como o lugar ocupado nesse tipo de manifestação do imaginário social,



Figura 3. Dance! - Universo Paralello

<https://i.ytimg.com/vi/k2t1gAbOxt8/maxresdefault.jpg>

pus-me a penetrar conscientemente esse universo. Degustá-lo, e mais que isso, escafarfunhar suas entranhas para experimentá-lo nas suas mais diversas minúcias. Daí então, acompanhado de algumas prerrogativas científico-acadêmicas, nutrir o *corpus de minhas observações* com a dietética ainda incomum da ciência contemporânea, especialmente, da antropologia contemporânea com seu linguajar mesclado de literatura,

arte, ciência e invenção. Pelo menos algumas migalhas cognoscíveis daquilo que outrora esteve vivo, meus olhos devoradores e carregados de obscurantismos e vícios em modos de ver, seriam extraídos, no mínimo. Estaria cego, de qualquer modo, depois da tentativa de aproximação tão ousada. Eu já não queria capturar e catalogar algumas dessas expressões atuais que expressam a relação entre natureza, cultura e sociedade nos *festivals*. Dei-me conta que precisava registrar, simplesmente, o que há de mais mundano, nu e cru, em tais expressões e estilos. Eu sabia que a vivência pessoal, com as tinturas de uma boca acadêmica, cheia de língua certa e irrepreensível, causaria espanto e até rejeição mais profunda a qualquer tentativa de dizer *da boca do leão* que seu hálito é um dos piores. Estava posto. Encontrava-me como o amante apaixonado pela novidade. Aquela gente de brilho impecável, uma gente que goza a vida ao máximo em um instante, seja na oferta do próprio corpo como forma de cultivar as intensidades da alma. Era um universo paralelo, aquilo ali. Desfrutar de prazeres sem a proibição vinda do mundo de pecados, sem a culpa católica incrustada nos prazeres da carne, como fizeram crer as instituições moralistas da modernidade. Estava feliz, e com isso, via ao meu redor e dentro de mim os vínculos estreitos e os laços do social em vias de erupção incessante. Inevitável lembrar de Galeano (1993:138) “O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência. Nem uma culpa como nos fez crer a religião. O corpo é uma festa”. Sei que meus pensamentos foram celebrativos e que notei, senti e trago no presente a sensação já esquecida, revivescrevo-a, *agora*. Nessa turma de loucos degenerados, animalescos e místicos iluminados, todos eles ocupados demais com a sua própria fruição, espíritos livres, instrumentos de uma rebelião atual, de corpo presente naquilo que os ajuda a imprimir uma existência, embora difícil de lembrar, impossível de passar despercebida, encontro-me. Uma efervescência que empiricamente contagia o corpo social e alarga o imaginário que a expressa. Permissividade responsável. Não uma ode ao exagero de tudo, mas um respeito por si e liberdade com o próprio corpo que ultrapasse a tendência ao descaso. O compromisso em seguir o que lhe for desejado e de partilhar isso com a alegria do encontro com outros que vivem em diferentes mundos, um mundo-comum da alteridade.

A passagem pelos campos afastados da urbanidade não impedia que o silêncio fosse interrompido pelo som poderoso de ondas sutis, típicas das *raves*. Nos *festivais*, tanto a intensidade da vivência quanto os modos de imersão e de convívio eram outros. Havia um misto de tecnologia e de natureza, de humanidade e de transumano em tudo aquilo. Nada era demasiadamente humano no sentido moderno, racional, lógico e, tampouco, era demasiadamente humano o irracional, o sem sentido, o *frisson* e a fuga da realidade. A *mixagem* dava a tônica da ambiência. Todo clima rodopiava em espiral emergência e mergulho. *Átimo* destaca sempre que, apesar de originalmente abarcar os diversos tipos de festa com música eletrônica tocando, tem se designado como festa *rave*, aqueles eventos de curta duração onde o público não realiza nenhum tipo de produção cultural/artística – estando esta toda a cargo dos produtores – e exerce o papel expectador do espetáculo. Já nos *festivais*, dizia *ele* em alto e claro tom, *a proposta é de que o público permaneça, interaja e participe na composição do evento, que dura em média uma semana*. Essa maneira de definir as *raves*, mantinha ressonância com Vieira (2013).

Rave é um estilo de festa que surgiu na Inglaterra no final dos anos 80, em seguida à política repressiva do governo Thatcher que implementou uma nova lei obrigando o fechamento dos clubes noturnos à meia noite. Os jovens ingleses que desejavam festejar começaram a organizar por eles mesmos eventos "ilegais" fora do circuito tradicional do mundo da noite. Esses encontros passaram a acontecer geralmente em lugares mais afastados da cidade, na natureza. Esse foi um período em que a música eletrônica (acid house, techno) surgiu e se disseminava associada com o surgimento de novas drogas (ecstasy). "Uma nova música, uma nova droga e enfim uma nova maneira de fazer festas: rapidamente as raves se multiplicaram"

(CHAMBON, 2001:15)

Aqueles instantes de convivência e de comunhão com os participantes de *festivais alternativos de cultura* produzia estranhamento, euforia e serenidade intelectual. Há muito já havia tomado consciência do crescimento populacional e da intensa urbanização ocorrida no início do século XX como elementos que impulsionaram a formação de um modelo de sociedade baseado no consumo inadvertido e na extração exacerbada de recursos naturais. Durante a formação no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, as alterações morfoclimáticas e uma série de outras perturbações ambientais (acúmulo de lixo, contaminação das águas e degradação de solos) passaram a ser percebidas e em pouco menos de um século tornaram-se problemas sociais alarmantes (LEFF, 2007). Após presenciar conflitos armados assombrosos e assistir o vertiginoso avanço tecnológico se transformarem em ameaça à vida humana, a preocupação com a conservação da natureza ganha ênfase e configura o quadro da chamada crise ambiental, que afeta sobremaneira a esfera social, política, científica e econômica, a partir do final dos anos 1960. Desde então, tem sido enfatizado o perigo do consumo descontrolado dos recursos naturais e as alternativas possíveis parar

contornar esse cenário. Assim, apoiado no que se enuncia em Jacobi (2002:190) “[...] o papel dos diversos atores envolvidos e as formas de organização social que aumentam o poder das ações alternativas de um novo desenvolvimento, numa perspectiva que priorize o desenvolvimento com ênfase na sustentabilidade socioambiental”.

Eu estive durante muito tempo e longas horas discutindo e refletindo sobre a sustentabilidade e a importância do conceito para o tipo de experiência de formação e de pesquisa que estava desenvolvendo junto aos *festivais*. Ficava claro que no debate clássico sobre sustentabilidade, a ideia de uma conciliação entre os “interesses” econômicos, ecológicos e sociais ocupa um papel chave. Prevalece a crença de que conflitos entre diferentes segmentos da sociedade possam ser resolvidos por meio da “gestão” do diálogo entre os atores, com a finalidade de se alcançar um “consenso” (ANDREIA ZHOURI et al, 2005:12). Na tentativa de situar historicamente e sintetizar a proposta do conceito de sustentabilidade, FERREIRA (2006: 97) aponta que “[...] do ponto de vista histórico, o termo sustentabilidade foi cunhado com o propósito de nos remeter ao vocábulo sustentar, para que aquilo que se sustenta tenha condições de permanecer [...] estável ao longo do tempo. Entre os inúmeros conceitos de sustentabilidade que já foram elaborados ao longo dos últimos anos, o que se pretende, enfim, é encontrar os mecanismos de interação nas sociedades humanas que ocorram numa relação harmoniosa com a natureza”. Pronto. Mas, não o bastante. E, nas experiências da pesquisa eu pude ver, acompanhar e sentir a ambiguidade na apropriação do conceito de sustentabilidade. É preciso viver, sentir e vivenciar outros modos de relação com o conceito.

Em termos práticos e experienciais, a desgastada educação ambiental formal está anos luz de distância na tentativa de estar de acordo com o profundo e autêntico processo de formação existencial das novas gerações com a natureza. No entanto, as experiências em *festivais trance* abundam em amplas possibilidades de realização, contato, conexão e respeito à natureza. Conforme os contatos com os participantes iam se aprofundando, a minha compreensão alcançava um cume inédito de percepção. *É isso mesmo. O que a universidade pretende desenvolver com programas e projetos de educação ambiental para as novas gerações, os festivais, caro amigo, abundam na experiência estética, na conjunção de esforços, criados pelo desejo de ficar junto*, falou Átmo, depois de longo processo de distanciamento proposital.

-Você está se comunicando comigo novamente? Há tempos que somente circula, sem dar uma palavra sequer. *A minha linguagem é inteira, meu caro. Minha presença, como toda presença sensível, por si só já anuncia sentidos, interlocução e diálogo. Mesmo no monólogo, conversa-se com*

um outro em si mesmo. Após, brevíssima pausa, sempre sorrindo, inquiriu: você já percebeu que não se trata de pensar o que deve ser pensado. É ouvir-junto, sentindo-com-as-pessoas a composição inteira de um sentido multivox, polivox, omnivox. Não aguentei e deixei escapar uma gargalhada em alto e vibrante emoção. Você, inventando palavras? Ainda mais essa. Ficamos sorrindo por instantes.

Era minha forma de lidar com a aprendizagem inteira e incessante, adquirida pela paciente e firme presença de *Átimo*, durante todo esse percurso de formação. Eu somente entendia a funcionalidade *dele* quando, diante *dele*, eu não precisava dizer absolutamente coisa alguma. E lá se tinha um processo ímpar de entendimento, sem a foice ou a dureza, e nem o melodrama piegas, das parcerias até então vivenciadas. *Átimo* sempre foi autêntico e sereno. Nossos debates se enchiam de incertezas como propostas de fazer o caminho, caminhando, como dizia o poeta. E bem que era isso mesmo que eu havia entendido. Um interlocutor não guia, partilha. Não define, entre muitas outras coisas, nos faz enxergar sensorialmente o que nossa cabeça fixa sob medida. Como modo de *ver por vícios*, olhos pré-datados aparecem e somem, mantendo-se, em insistente cegueira que nos faz ver.

Nesse contato, *Átimo* inclinava-se a entender a sustentabilidade. Percebendo esse interesse incomum, vindo de uma pessoa especial aos meus afetos, sem atropelar seu processo criativo-pensante, adiantei: *Átimo*, a sustentabilidade trata-se, portanto, de harmonizar a interação dos mecanismos sociais humanos aos processos da natureza. Nesse contexto, é interessante trazer a discussão proposta em YEARLEY (1996), onde se observa a distinção entre **sustentabilidade ecológica** e **sustentabilidade ambiental**. O primeiro caso refere-se à manutenção do clímax de um ecossistema natural “onde os fluxos de entrada e saída de matéria e energia se mantêm equivalentes a longo prazo, configurando a maturidade do sistema espontaneamente, por conta da própria natureza” (FERREIRA, 2006:98), onde se enquadrariam, por exemplo, as unidades de conservação de proteção integral como a Estação Ecológica (ESEC), Reserva Biológica (REBIO), Parque Nacional (PARNA), Monumento Natural (MN) e Refúgio de Vida Silvestre (REVIS). Já a sustentabilidade ambiental “envolve a intervenção humana através do gerenciamento ambiental, produzindo balanços energéticos que equilibram artificialmente o sistema, contrabalançando os estoques de energia e matéria que são utilizados como matéria prima na esfera produtiva humana” (idem).

Na sustentabilidade ambiental se enquadram áreas estruturadas para o desenvolvimento de atividades que geram um compensatório ao uso dos recursos naturais, quase sempre em forma de retorno monetário, como empreendimentos voltadas a atividades turísticas e extração e reflorestamento. Constituem este grupo as seguintes categorias: Área de Proteção Ambiental (APA), Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), Floresta Nacional (FLONA), Reserva Extrativista (RESEX), Reserva de Fauna (REFAU), Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) e Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Foi quando, na interlocução imediata, *Átimo* questionou: *e os festivais trance, encontram-se em que tipo específico de sustentabilidade, dentro dessa classificação?* Já sabendo da minudência e objetividades requeridas, pus-me a explicar. Comecei falando sobre a necessidade de ampliar a compreensão do conceito de sustentabilidade. É necessário abarcar multidimensionalidade da sustentabilidade, decorrente da complexidade das questões ambientais, disse-lhe, agora, com pausa proposital, olhando fixo em reações imediatas vindas de *Átimo*. *Ele* estava resoluto. Adiantou que se recordava de uma leitura feita em minha companhia a respeito da compreensão terminológica e conceitual da sustentabilidade. Não me recordava, exatamente, sobre que *ele* se referia. *SACHS (2007) não divide a sustentabilidade em cinco tipos?* Fiquei impressionado com o poder de remissão e de adequação intelectual de *Átimo*. Quis demonstrar-lhe compatibilidade intelectual e adiantei: Sim! Ele divide em sustentabilidade social, sustentabilidade econômica, sustentabilidade ecológica, sustentabilidade geográfica e sustentabilidade cultural. Foi aí que entendi, de imediato, as nuances de nossa conversa. Era o foco, o consumo como *cultura material*.

Por mais sentido que houvesse em nossas trocas intelectuais, admito que, nem todos os interessados, conseguiriam entender nas entrelinhas o que sentíamos. Consumo e prática cultural. Fiquei reflexivo. Logo, considerei as intensidades do *Peace, Love, Union and Respect* (P.L.U.R.), representação máxima do ideário *trance*. Esse código cultural, inscrição de *festivais trance*, opõe-se aos efeitos colaterais de todo ódio, angústia e medo destilado pelo contrato social produtivista; desloca a repressão do pensamento religioso e o espetáculo humano diante de um projeto político de mundo que escravizou a vontade do povo, negando-lhe aquele “país real” em nome de um “pensamento oficial”, mórbido. “Paz, plenitude e amor”. “Faça a diferença, seja a sua própria lição”. Os brados ressoam por toda a parte, falados, pintados, escritos, murmúrios, não-ditos, sentidos e transmitidos em nome de uma *éticoestética profunda*: “inspire e ame as pessoas ao seu redor ao invés de sobrecarregá-las com suas frustrações e seus medos”. É mote entre os participantes de *festivais* o seguinte lema:

desligue o seu wi-fi e se conecte com a fonte natural, lembrou em destaque, *Átimo*.

O acrônimo P.L.U.R. representa a eliminação da barbárie, retroagindo para o animalesco. *Sem dúvidas*, disse, *Átimo*. Este influxo parece provocar o desenvolvimento de um código de conduta onde o movimento do corpo dita as regras, direciona e classifica toda situação – pensava eu, numa vã tentativa de “fazer ciência à moda antiga”. Não havia motivo para deixarmos entreter com minudências excêntricas, estranhamentos do tipo “queixo-caído”. Claro que havia surpresas e sensações de estarmos diante de um universo inexplorado, ao menos, por nós, observadores-participantes-pesquisadores. Uma coisa é viver como participante, outra é viver entre papéis como participante-pesquisador. Fiquei pensativo, principalmente pelo que aprendi sobre civilização, civilidade e moral. Tive, muitas vezes, a experiência de mal-estar quando, em atividade recreativa com os amigos mais próximos, até mesmo durante os atos de transgressão, os barulhos morais de culpa, vergonha, medo e timidez vinham à tona. Sempre me questioneei sobre o poder desse tipo de coisa e sobre a possibilidade de, ao menos um entre nós, não estar em dividendos com esse tipo de coisa. *A civilidade não tem nome onde o corpo fala e dita suas leis*, ponderou *Átimo*. Prosseguiu, sem a pausa breve que lhe era peculiar: *aí está a ética de dominação estética de que falou Maffesoli*. Havia entendido a maior parte de minhas percepções, ocorridas durante idas e vindas em *festivals*. Pus-me a partilhar em pensamentos, frente a *Átimo*. Cada episódio deste estar-junto reforça os nós da trama que estrutura o tecido das tribos psicodélicas, conectando-a a uma rede universal que não para em si, pois esse sentimento incorpora-se à vida e as ideias que saem dali para povoar o imaginário de centenas de pessoas em circulação constante no cotidiano urbano. Dei-me tréguas, após a relevante sacada! Era isso, talvez, o que *Vitus*, em insistente paciência, repetia: - Esse projeto tornou-se *um* possível, concebido e perseguido a partir da ideia de que “a estética, dentro e para além da arte realiza acesso a lugares profundos nas pessoas”. *Vitus* estava convencido disso, e, confesso que eu entendia, igualmente. Em frente a multidão, convidei *Átimo* para degustarmos pequena porção de comida vegetariana. E, junto a nós, dois casais, um deles com um filho, oito anos de idade. À esquerda, cinco jovens, três jovens com idade não superior a 22 anos, sexo feminino, e dois rapazes, um dos quais parecia mais “dono do primeiro”. Tornava-se irresistível a aproximação, dado a sinergia de vínculos entre eles, perceptíveis a grande distância, motivo pelo qual mantive curiosidade e intenção dirigida de observar o fenômeno. Não era a primeira, nem a única

composição vibrátil de reciprocidade empática que víamos nos *festivals*. Aproximamo-nos. Em meio do caminho, dois metros entre nós e eles, o rapaz submetido aos olhares possessivos do barbudo-nada-zen, com delicada atenção disse-nos: - Vejam só! Chegou quem estava faltando. Eu, olhei fixamente para os olhos de *Átimo*, e, esquecido que ninguém mais podia perceber-lo, além de mim, pelo menos até aquele momento, parecia confabular leituras menos acadêmicas. A primeira leitura do acolhimento foi entender que não queria causar problemas com o barbudo, principalmente. Nunca os tinha visto. Depois, mantive sintonia instantânea e atração por duas belas jovens sorridentes, cochichando, talvez, aqueles tipos de assuntos que mulheres contemporâneas costumam fazer juntas. Estavam receptivas, mas, demonstraram filtro de coerência com o movimento feminista do qual faziam parte.

Ali, eu prosseguia com a tentativa de interagir, conhecer de modo mais profundo as dinâmicas entre as pessoas, no local. Cheguei, com parcimônia e atenção cuidadosa aos limites já delineados, agradei ao *Ted*, com seus vinte e dois anos, estatura baixa e corpo definido por práticas de *surf*. O traje e a disposição de linguagem anunciaram quase toda sua posição de lugar, ao menos, dentro do que concebemos, quase sempre, como leitura possível, no dia a dia. O barbudo tinha o sobrenome de

Estilos modais circulares resultam da permanência de traços comuns de crenças anteriores, pelos quais os indivíduos mantêm-se em afinidade eletiva diante de novas experiências de vida, ou seja, não abandonam facilmente modos de pensar, sentir e agir por ainda acreditarem profundamente na pertinência de suas escolhas que são, sempre, reforçadas por adesão grupal da origem anterior de crenças. Repetem-se de modo descontextualizado, sem percepção consciente.

Toledo. Achei extraordinário, ali, alguém manter referência tão formal. *Átimo*, chamou a atenção para a *diversidade reinante no lugar*, e diante de meus olhos, *a multiplicidade não só de cores, corpos, ideias, origens sociais, status*, mas igualmente, *de mentalidades, estilos de existência, inclusive, os ortodoxos, daquele tipo vivido em outras esferas pós-descolonização das diferenças*. Demorei

um pouco para compreender que *Átimo* fazia referências aos **estilos modais circulares**, oriundos das práticas segregacionistas, racistas, excludentes de toda e qualquer diversidade, em nome da moral, de Deus, das crenças humanas de civilidade, consciência e razão. O *Toledo* era uma das expressões dos estilos modais circulares. Não evitei aprofundar contato com a problemática e com o fenômeno, diante de minhas reflexões. Sentei ao lado de *Ted*. Percebi, enrubescido, lado oposto ao meu, *Toledo*. Não demorou muito e ele já sinalizava ciúmes. As meninas, diante do provável desfecho, fizeram interferência direta. – Gostando do *Festival*? A *July* quer saber! Agradecido pela rapidez e inteligência de *Akira*, direcionei os olhares para *July*, pele alva, lábios carnudos, olhos límpidos, busto perfeito e uma sensibilidade irresistível, e disse: Muito, e você, *July*? Segundo

Átimo eu parecia mais um prato-feito daqueles bem baratos que se come a uma só sentada. Para piorar o quadro, *ele* continuou irônico fazendo menção ao *movimento de atração intensa, desconcertante e consumida rapidamente pelo aumento das chamas, graças ao sopro dos ventos ruidosos da praia ou pela ida e vinda de marés, por repetidas vezes, sem dar aos envolvidos a noção de que, nem sempre a onda abriga, consigo, retorno garantido.*

Os ânimos menos exaltados, após perceber que eu estava mesmo era em movimentos de exercitar a tolerância, inclusive, disposto a entender os *estilos modais circulares*, justo em mim e comigo, ocorreu diante de mim, a experiência, a qual tenho muito que agradecer. Estive mergulhado nos *festivais* e não estava em contato com as contradições fecundas daquelas vivências. *É ingênuo pensar que as pessoas que daqui participam estão acima das necessidades atávicas de lidar com os mais sérios problemas criados entre os homens, a exemplo da intolerância, da invisibilidade, da rejeição, da submissão ou ocultamento das diferenças.* Esse era *Átimo*, sentado ao lado, falante! Junto ao grupo, momentos depois, contatei com *Andreia*, a terceira jovem do grupo, aliás, irmã de *Toledo*. Discretamente, constrangida com a situação, ela me pediu desculpas, dizendo que “ele passa por autoaceitação e é a primeira vez dele em um *festival*”. Dei por encerrado o assunto. Ficamos com o grupo por quase oito horas, eu e *Átimo*. Acabamos dividindo nosso momento de dormir. Neste dia, *July* e eu dividimos uma rede de dormir. Ao som de música e de *bala*, e *chocolate*, sensações, celebrações e sexo.

O corpo da pesquisa havia tomado robustez. Eu demonstrava cansaço, mais em nome de autoflagelo do que vias de fato, consequência da pesquisa. Acostumado com a sensoriedade a todo pique, eu e muitos de minha geração, nascido em 1990, tivemos, por companhia, as mudanças drásticas no modo como experimentamos o mundo, claro, mudanças mais aceleradas em termos de tecnologia, mídia, comunicação, interatividade, rearranjo político, questões ambientais como efeitos climáticos - somente para citar alguns, o efeito estufa, El Niño, etc.- além de ameaças de extermínios apocalípticos, previsões religiosas de fim de mundo em 2000, 2009, 2012, e, tendo consumido informação científica da iminência do *fim do mundo*, propagada pela moral ambiental, em nome da sustentabilidade e da manutenção da vida na terra. Ufa! Menos de trinta anos e um fluxo de vivência e imersão em contextos invejáveis para qualquer ancestral de duas gerações, anteriores aos meus pais. O contato com a problemática ambiental, nesse sentido, não me permite, por isso mesmo, deslocar-me sem minhas sensações, minhas percepções, incertezas, transitoriedades,

efusivas e intensas crises e saltos desproporcionais ou para dentro ou para fora de experiências vividas, herdadas, conhecidas pelo culto ao passado memorial. Some-se a isso, uma única geração que me antecede, e suas constelações de sentido sociohistoricamente vivenciadas entre guerras, avanço do capitalismo na produção das desigualdades, crise ética na ciência pelo abuso nuclear, conquistas além do espaço terrestre, radiodifusão, televisão, cinema nacional, regime militar, movimentos artísticos e culturais (música, literatura, dança, pintura, escultura, teatro), ambientalismo e ranços de escravismo e exploração de diferenças e invisibilidades de lutas nos guetos da diversidade sexual, de raça e de gênero como gays, de mulheres, de negros, de favelados, de classes populares, sem-teto, sem-terra, sem-Pátria, “sem-Frátia” parafraseando Caetano Veloso.

Átimo ficou anestesiado com a velocidade de imagens passando em minha cabeça. No fundo, era o corpo todo que sentia. Um nó que se fazia, apertava, desfazia e sumia. É como estar dentro-e-fora. Se é uma coisa importante da minha geração é procurar não esquentar a cabeça. A isso nossos pais chamam de corpo mole, alienação, apatia. No fundo, é que a gente sabe o limite estreito da loucura e da sanidade. Sabemos o poder de uma ideia e o tempo-breve em sustenta-la. Somos filhos do tempo. Sorri alto porque lembrei que éramos todos irmãos legítimos e diretos de *Átimo*. Então, nessa mescla de objetivação e memória, eu entendia todo um jogo de vibrações e pertença, comum aos participantes de *festivals*. Somente querem *estar-juntos* em celebração dos instantes. Não é solidão, nem fuga. *É, certamente, projeto-ação de um sem-sentido*, disse *Átimo*. Um-sem-sentido significa não ter avalanches de ocupar posições sociais na cultura. O sentido do *sem-sentido* é não ter sentido prévio, nem significações pré-fabricadas. Mas, não é ausência ou nulidade de invenção de escolhas. Dá-se pelo uso criativo e criador da sensibilidade intensiva, vibrátil, corrosiva e breve.

Essa conexão com o instante é capaz de proporcionar e convidar cada vez mais pessoas a repensar a condição de suas escolhas e despir das máscaras e sombras que a vida cotidiana impõe. Os *festivals* são convite ao conectar com algo inseparável do processo de existência, a consciência de si e do outro, do outro em nós e de nós em tudo. Nesse instante, eu já não lembrava que estava em campo. As condições de desenvolvimento dessa pesquisa produziram impactos profundos no modo como pude seguir em diante, dia a dia.

Em uma das aulas de formação acadêmica, cheguei a ensaiar reflexões menos apressadas sobre os processos que fizeram sedimentar a cultura num habitus definido como “história incorporada, internalizada como uma segunda natureza e assim esquecida como história” (BOURDIEU, 1990, p. 56).

(Diário de Campo, 2016)

Os aspectos sonoros do ambiente emanavam clima de agradável bem-estar. A música era combativa à guerra da dispersão de pensamentos, apesar de ser considerada, para muitos, repetição rítmica, somente. Em dois ou três passos, acredito que chegaria a falar com organizadores do *Festival*, em mais inteiro contato. Estava ansioso por esse momento. Afinal, não se tratava de qualquer pessoa, mas um dos mais importantes idealizadores do *Universo Paralelo*. Tudo ocorreu de modo inesperado, no entanto. Em meio à multidão, depois de ter abandonado a expectativa de, ao final do evento, poder entrevistar *Moebius*, senti suave toque em meu ombro esquerdo, e, logo em seguida, dei-me conta que estava diante daquele que, por quatro dias e noites, ansiava contato. Foi incrível. Sem tempo para disfarçar a empolgação e o entusiasmo, deixei-me ser conduzido para fora da pista central de dança, alguns metros dali.

Moebius, de perto, é mais uma projeção rabiscada, inacabada e multiforme da própria diversidade do que necessariamente um promotor de eventos, disse *Átimo*. *Convenhamos que você está meio sem graça, não é, jovem?* E ficou por perto, dizendo que estaria à disposição para qualquer emergência. Fui respirando compassadamente até perceber que havia retomado o domínio sobre minhas reações emotivas. Não que isso fosse problema. Jamais. O necessário, todavia, era não divagar ou *divagar*, completamente. Aquele estado ambíguo, fruto da emocionalidade em picos, exercia sobre minhas decisões e escolhas um estado inseguro e incerto no processo de, conscientemente, agir com a fluência disto ou daquilo. No fundo, eu ainda estava aprendendo a entender todo aquele processo de formação. Confesso que, aprender a desaprender, não é simples abrir e fechar de olhos. Dei-me um tempo.

Antes de iniciar o papo, fixei a atenção na totalidade da experiência. Eu queria sentir como ele sentia, cada palavra, cada gesto, cada emissão e expressão. Foram recomendações inadiáveis de *Átimo*. Iniciamos. Quem tomou a iniciativa fui eu. Sem cerimônia disse a *Moebius* que admirava o trabalho realizado e que gostaria de saber a respeito das origens da ideia, lá no início. *Moebius* parecia estar acostumado com aquele tipo de pergunta e foi respondendo, sem demora. – O *Universo Paralelo* é uma experiência a ser descoberta, estando dentro dela. Muitos amigos viviam falando sobre a necessidade de experimentar coisas novas no sentido de composição variada entre elementos como música, arte, espiritualidade, solidariedade, tolerância, diversidade, magia, tecnologia, natureza e consciência. Mas isso tudo, sem tirar a diversão, a dança, a liberdade de expressão e a organização conjunta das pessoas. A diferença, aqui, é que não se pode chegar e contratar um especialista em evento que planeje tudo sozinho ou com uma equipe. No *Universo Paralelo*, a ideia é montagem

coletiva, cada um traz um pouco de si e divide suas experimentações sensoriais, místicas, inclusive. Dividimos modos tão diversos de experimentar a vida em sua plenitude e tudo isso dentro de um ambiente mais próximo à natureza, sem deixar de lado símbolos poderosos de nosso tempo como a tecnologia que conecta pessoas, desloca e descentra decisões. Aqui, a gente pretende conectar sem a rede controlada daqueles que pensam que não é possível estar à margem desse controle. A liberdade de ficar, entrar, sair, retornar, propor é enorme.

Estava atento a todo gesto de *Moebius*. Em determinado momento, notei que ele fixava toda sua expressão sobre mim. Foi estranho porque não havia o costume de conversar com o olho no olho, fora daquele ambiente. Ao mesmo tempo, sem desrespeitar o espaço privado individual, ocorriam contatos físicos, muitas vezes demorados, entre mãos de *Moebius* e, ora meu braço direito, ora meu ombro. Achei tudo muito incomum. A conversa prosseguia. *Moebius* explicitava que os *festivais de cultura alternativa* como os *festivais trance* nasciam de intercâmbios culturais com possibilidades de realizar a autoexpressão do potencial criativo dos participantes. A arte, a natureza, a cultura e as problemáticas humanas e sociais (política, economia, religião, educação, tecnologia, memória etc.) consistiam em gerar vivências múltiplas, sem prévia determinação de pauta, definindo que era esse o legado do *Universo Paralelo*. A promoção do encontro entre pessoas de diferentes lugares, crenças e culturas com propósitos e pensamentos que combinem entre si pela divergência. É um somatório de diferenças, de estilos, de crenças e de modos de viver. O papel dos festivais é ser um culto pela vida e a função do *trance* é ser esse elo entre o corpo, a mente e espírito. Um instrumento para ativar o sexto sentido, a percepção, e nos tornar capazes de perceber o que é real.

Átimo sugeriu perguntar a *Moebius* sobre as questões da sustentabilidade, principalmente, *perguntar para além da extração de recursos naturais e com foco na relação com a natureza*. Em meio a conversa, *Moebius*, sem constrangimento respondeu que a cultura alternativa teria alguma influência e participação no processo de instauração de uma cultura para a sustentabilidade na sociedade contemporânea pela adesão de respeito à máxima do possível equilíbrio com o ambiente. Uma das coisas mais intrigantes, no relato, foi quando ele demonstrou que as campanhas comerciais sobre preservação, conservação ou proteção ambiental, excedem-se em custos e ineficiência. O fundamento das ações coletivas e da adesão a um projeto de fato planetário, voltado ao meio ambiente, é a possibilidade de garantir a todas as pessoas um contato com a natureza. Um contato profundo, visceral, que questione o quanto fomos levados a

esquecer que somos o próprio meio ambiente, somos parte dele e não um elemento externo. É dentro e fora.

Naquele contato, percebi que a sensibilidade de *Moebius* transbordava coerência, sabedoria e lucidez. Eu, vez ou outra, nem sabia o que dizer, nem como me comportar diante daquela figura. Um místico? Um louco? Um guru? Não pelo traje, pelo sotaque, nem pelas escolhas intramundanas, carregadas de visceralidade e de gosto. O cara era *foda*! Enquanto falava,

sorria, dançava, bebia seu suco, zero álcool e evanesceu-se em aroma característico de um iniciado há vários séculos na filosofia-arte-técnica de estilizar sua existência, conectando-se com material fecundo, direto da *terra-mãe*, com seus seios fartos de alimento, convidando à liberdade,

calma, consciência e tolerância com a alteridade. Eu mesmo jamais compreenderia a profundidade dessa experiência, senão vivenciando-a. Não é apenas um ato. A *entrega ao evanescente* vai construindo uma rota de amplitude no sentir. E não estou falando de *bala*, *chocolate*, *beise*, *beque*, nem *brisar* ou *ficar alto*. O evanescente é qualquer ponte para o alargamento da percepção sobre o *aqui-agora* em termos sensoriais. Por

isso, é comum existir muito preconceito sobre os *festivais* porque entendem que a *psicodelia* está associada ao uso indiscriminado e criminoso de drogas ilícitas. No entanto, se trata de outro *estado de expressão*, outras vias. É a música, a dança, o sexo permitido, consensuado, desejado e partilhado entre pessoas, tudo numa mística, num processo ritual profundo de reconexão consigo mesmo e com o universo.



Clique aqui!

A noite já estava avançada e, entre membros de festivais, as temporalidades e os encontros-diálogos começam e terminam em tonalidades diversas. A duração é variada e, confesso, cronometrar é um problema. *Átimo* recordou-me de que em uma das experiências da pesquisa, em contato com uma das participantes dos *festivais*, a conversa durou aproximadamente 16 horas seguidas. Tudo num ritmo próprio, com palavras compassadas, comedidas, ditas entre pausas para meditação, silêncios compartilhados e até ocorrência de sono profundo e despertar inesperado. *Vale destacar que, esse caso específico, não estávamos sob efeito de nenhuma planta, droga sintética ou qualquer outra substância*, ponderou *Átimo*. De fato, era apenas a conexão com o evento que permitiu, segundo a participante, e a observação direta, assistida e em companhia partilhada, permitiu constatar isso. Esses aspectos foram registrados com gratidão. Num mundo tão acelerado e cheio de intermitências, sobressaltos e receios, é bom encontrar e fundir-se com outros estados de expressão de vida.

A mensagem era clara: *trance é conexão*. E, com a música a gente pode ser o que a gente quiser e se usarmos nossa cabeça, seremos muito melhores. Esse tipo de situação foi traduzido pelo contato com *Dora*, 44 anos, gerente de pousada em Alto Paraíso, Goiás. Ocorria o *Festival Trancendence* num ambiente de rica diversidade natural, espécies, fauna e flora. A sensação de *unidade* com a natureza é desconcertante, profunda. *Dora*, com a aparência de menos vida cronológica do que nos declarou, puxou um banco rústico de madeira, cerimonialmente, dirigiu-se à cozinha e retornou acompanhada por uma funcionária, bandeja nas mãos, biscoitos naturais, efusão de ervas finas aquecida, mistura gelada de hibisco, mel e goiaba em pedaços. Fui recebido, aliás, fomos recebidos, eu e *Átimo*. Uma manhã agradável, ventos acalentando murmúrios sutis, como se beijassem nossos corpos por completo, limpando os dias anteriores em estrada, paragens e desconforto. *Não foi difícil chegar até aqui*, afirmou *Átimo*. *Imagine que já vale a pena o percurso*, apontava para o horizonte, *veja que beleza exótica, que diversidade de cores e aromas*. Estava tudo impecavelmente limpo e naturalmente disposto. Frutas amadurecidas ao chão, placas indicativas de pequenas quedas d'água, sistema de segurança, alarmes de perigo. Sim! Estávamos frente a frente com uma das mais antigas participantes de *festivais*, ano a ano, chegou ao *trance*. Ela dispunha de uma fisionomia singular. Tom altivo, simpático e agradável. Começou falando sobre a importância de compreender o aparecimento das *Raves* no Brasil. Pontualmente, destaca: “estão refletindo um período de mudanças muito grande”. Em celebrativa memória foi demonstrando que conhecia bastante do assunto. Entre um gole de mistura gelada e sorriso discreto trouxe à tona que durante os anos de 1960 e 1970, o Woodstock⁹, representou um rompimento e uma quebra de paradigmas para a geração dela. Continuou: os *festivais* chegam, quase sempre, como uma coisa agressiva, mas expressam um movimento natural do que é a vida. Então, vem mesmo para fazer um rompimento grande e coletivo, uma catarse coletiva. Fiquei ouvindo atentamente e fui acometido com uma aparição repentina de *Átimo*, bem ao lado sem o costumeiro aviso. Passo o susto, visível para *Dora*, eu destrinchei com uma interação formal de “interessante”, demonstrando atenção. *Átimo* conduziu minha percepção. *Perceba que essa geração rompeu com uma cultura, de educação, de valores; e agora, vocês, estão rompendo de novo e fazendo suas próprias*

⁹ O **Festival de Woodstock** é também conhecido como *Woodstock Music and Art Fair* ou *Woodstock*. Trata-se de um festival de música, símbolo da cultura *Hippie* dos anos de 1960. Nasceu da ideia de promover a reunião de centenas de pessoas em lugarejo localizado a sudoeste de Woodstock, no estado de Nova York, Estados Unidos da América. Em abril de 1969 conseguiu reunir 50.000 pessoas.

descobertas. Sem dúvidas, ambos, estavam querendo demonstrar que eu não estava sendo original na itinerâncias de minhas experiências. *Nada disso, rapaz! O que estamos te dizendo é que vocês produzem novo movimento e com mais condições de enfrentamento e de alteração do que nós*. Falando daquele jeito, me dei conta que, *Átimo*, não havia me falado, em momento algum, de imersão dele em *festivals*. Então, indaguei sobre isso. Resposta, sem rodopios. *Sempre. Sou. Estou. Sinto. Faço. Escolho*. E, continuou enlouquecendo-me. Entendi, *Átimo*, em cada momento presente ou instante, você esteve. Ele, adiantou: *estou*. Não tinha jeito. O lance era me acostumar com o inevitável. Aliás, ele tinha razão. Somente não entendia, ainda, tão bem como gostaria, como é viver nessa temporalidade.

Dora percebeu meus lapsos de atenção na conversa. Juro que é bastante difícil coordenar *mundos paralelos*, estar entre-mundos. A conversa teve prosseguimento, agora, em torno de valores sociais e rompimento, mudanças. Colocando-se mais presente na escuta a *Dora*, fiz pequenos registros, após solicitar a interlocutora, permissão. Fi-lo. Ela dizia que a sociedade ocidental tem estado imersa na dualidade cartesiana já há algum tempo, o que gerou um mecanismo em que se projeta exteriormente no mundo subjetivo, principalmente os conteúdos reprimidos pela moral cristã. Não sabia onde tudo aquilo chegaria. Eu estava impressionado com o verbete empregado por *Dora* em situação tão costumeira. Ela prosseguia dizendo seu incômodo frente uma sociedade que tem como base a razão e o exercício mental. Deu uma pausa. Prosseguiu, após leve suspiro, afirmando que o corpo e os sentimentos tornaram-se apenas mercadoria de consumo. Fiquei atento. *Ela fala de repressão e liberdade*, acentuou *Átimo*. *Escute!* Pediu *ele*, com ar de deboche a mim, respeito a *Dora*. E de fato ela prosseguia demonstrando que nas festas de música eletrônica, a música e a dança trabalham o corpo e os sentimentos, permitindo que os jovens liberem os conteúdos reprimidos. Mas no contexto de “medo” em que vivemos atualmente, o diferente é visto como “invasões bárbaras”, pois na verdade existe no “novo”, uma contestação aos padrões sociais e à família, que muitas vezes segue este modelo racionalista e preconceituoso. [...] O medo é o caminho do lado negro que está sendo disseminado em nossa sociedade, o que reflete a falta de luz, de informação. E em longo prazo, uma sociedade de medo cria uma casca (ego) que começa a separar o mundo interno do externo, e esta defesa gera uma necessidade incrível de poder e controle. A nossa conversa foi interrompida com o ingresso de novos hóspedes. Educada, *Dora* pedia para conversarmos em momento mais oportuno. Eu estava satisfeito. Depois desse contato, não tivemos mais contato algum. Apenas a encontrei, diariamente, andando entre os participantes, vivendo o *Trancendence*, e, momentos outros, em sua

função de gerente da pousada. E, mais do que tentar quantificações vazias, que transformaria o universo pesquisado numa imensa massa cinzenta de dados, eu saía daquele lugar com os contornos estéticos de quem, em poucas palavras, vivia, de um modo distinto, uma nova faceta da alteridade.

Eu me sentia cada vez mais desejoso de saber como iria *traduzir* toda essa experiência de pesquisa. A comunidade acadêmica, sempre acostumada ao formalismo técnico, talvez, não veria com bons olhos o que pretendia. Eu, incansavelmente, nos encontros de orientação de pesquisa, com *Vitus*, expressava a dificuldade que sentiria para escrever nos moldes tradicionais, fazendo da teoria publicada, a fonte de credenciamento do que vivia durante o período, sem falar do que já havia experienciado, antes do ingresso na pós-graduação. *Átimo* não ficava sequer cansado com todo esse movimento. Não deixava transparecer preocupação. Sempre dizia que *eu precisava mesmo era acompanhar o meu próprio ritmo e deixar de tagarelar com meus próprios abismos*. Para minha inquietude, *Vitus* tentava sinalizar, meses a fio, que era preciso escrever, se entregar ao processo dentro de meu próprio estilo. E eu não conseguia me desligar de visgos mórbidos de queixas e sufocamento.

Se registrava, era do meu modo. Tinha método? Estava certo o que fazia? E depois, como iria desenvolver aquilo? Que teoria recorrer? Nossa! Um momento cheio de consumição e perda de energia. Estava prestes a desistir, mais uma vez. A presença constante de *Átimo* me trazia abrigo e serenidade. Havia conversado sobre *Átimo* com *Vitus*. Não obtive nem recomendações especializadas e nem surpresa. Ao contrário, *Vitus* passou a fazer interlocução com *Átimo*. Eu tinha percebido que iria dar nisso. No fundo, *Vitus* é excêntrico e já havia me falado sobre um tal método de pesquisa que ele utiliza em sua produção intelectual que é o *paranoico-crítico*. Eu nem quero saber o que isso significa, mas, sei que é algo típico dele. E, sem dúvidas, ele vive dizendo a todos do Grupo de Pesquisa que é preciso viver o objeto de pesquisa, sensorialmente, experimentar, *estar-junto-com*. Ufa! Foi um alívio perceber isso. Estava tudo dentro do possível ou, ambos, estamos malucos.

O método etnográfico clássico não daria conta da complexidade e das intensidades da pesquisa. A etnografia como *texto* e como *alegoria*. Tratava-se disso, meu método: **alegoria etnográfica**. Essa ideia tem inspiração em James Clifford (1998). Já falei sobre ele, antes. Cabe um

A alegoria normalmente denota uma prática na qual uma **ficção narrativa** continuamente se refere a outro padrão de ideias ou eventos. Ela é uma representação que interpreta a si mesma. Um reconhecimento da alegoria enfatiza o fato de que retratos realistas, na medida em que são convincentes ou ricos, são metáforas extensas, padrões de associações que apontam para significados adicionais coerentes. A alegoria destaca a natureza poética, tradicional e cosmológica de tais processos de escrita

(JAMES CLIFFORD, 1998: 65-66).

destaque especial, metodológico. Em suas próprias palavras, destaca Clifford que “[...] os textos etnográficos são inescapavelmente alegóricos, e uma aceitação séria desse fato modifica as formas com que eles podem ser escritos e lidos” (p.65).

O sentido da escrita etnográfica pós-moderna é a atração intencional, desenvolvida pelo pesquisador, no

sentido de manter em diálogo a história, a literatura e a antropologia. Em sua forma primeira, a etnografia pós-moderna é texto (vozes, escritas, significados), depois é alegoria. No uso comum do termo, o texto do tipo alegórico diz mais além do que registra, incita à imaginação e produz contraste entre realidade, invenção, figuração, concretude e construção de sentidos. Por isso, essa escolha metodológica parece-me tão especial e adequada.

Quanto aos procedimentos da pesquisa em havia ensaiado a imersão na pesquisa com base na observação participante ativa. O paradigma da etnografia crítica ou pós-moderna ultrapassa a construção fenomenológica, etnocenológica ou dramatúrgica da experiência social da pesquisa. Foi assim que desenvolvi toda ação. A partir do critério de *mergulho total em campo*, estabeleci contados duradouros por uma semana, que é o tempo de duração de um *Festival Trance*. Ali, as entrevistas, os diálogos, os registros foram sendo desenvolvidos com auxílio de um diário de campo. As primeiras impressões acerca do mesmo. Surge o primeiro impasse: “as pessoas não querem gravar. Elas até topam falar, mas não estão dispostas a deixar o seu depoimento gravado”. Ainda assim, alguns depoimentos foram colhidos e o diário de campo ia sendo preenchido constantemente com notas e observações, ao passo que registros fotográficos e audiovisuais eram feitos. Ganhrou-se muito ao trabalhar a questão da música e seu papel na

A alegoria do resgate está profundamente enraizada. Na verdade, ela está embutida na concepção e na prática da etnografia como um processo de escrita, especificamente de textualização. Toda descrição ou interpretação que se concebe como “trazendo uma cultura para o terreno da escrita”, movendo-se da experiência oral-discursiva (a do “nativo”, a do pesquisador do campo) para uma visão escrita daquela experiência (o texto etnográfico), está encenando a estrutura do “resgate”. Na medida em que o processo etnográfico é visto como uma inscrição (mais do que, por exemplo, uma transcrição ou um diálogo), a representação continuará a encenar uma poderosa, e questionável, estrutura alegórica

(JAMES CLIFFORD, 1998:85).

transmissão de ideias e construção do imaginário da comunidade *trance*. Já era tarde, quer dizer, amanhecia a poucos minutos e eu precisava dormir. *Átimo* considerou importante repor as energias, já que ocorreria nas próximas, a arrumação de material coletado, escrito, registrado.

Avançamos na compreensão do objeto pesquisado. **Tranceformation.** Perspectiva fecunda de formação nas vias entrecruzadas das experiências *Trance*. Um clima de aconchego rodopiava e abrigava meu corpo. Estava consciente da valiosa colaboração de todos os envolvidos. Chegara o momento de começar um *novo* rumo pela pesquisa. Eu me encontrava em mobilidade, retornando de dias inteiros, após imersão total no *trance*. A relação homem-natureza-sociedade-cultura estava para-além de qualquer relato. Não apenas vivi, recriei-me, durante e após o mergulho nas atividades de campo. Fui em busca de compreensão racional, lógica e estruturada, regresso com a abundância de sentidos. São vozes, coloridos que me afetaram e permanecem até o instante-aqui, com ressonância e refazimento. Já entendia o quanto a pesquisa é também formação, principalmente, quando se é possível caminhar em liberdade, produzir encontros, semear e abandonar trajetórias. Os participantes dos *festivais*, o modo como pude acompanhá-los, estar-entre-com eles, estar-junto, diferindo.

O processo de contato, aproximação, partilha com os participantes se manteve durante todo processo de formação. Ainda permanece até o instante presente. Eram muitos os participantes e apresentavam uma tendência a rejeitar o procedimento oficial de agendar entrevista, gravar, filmar ou até mesmo ser dirigido em uma situação de relato-depoimento-pergunta, a decisão mais frutífera foi adotar postura mais sutil diante da coleta de informações. Assim, as possibilidades de acesso as informações, após esforço e decisão, se abriu, expandido a pesquisa para o horizonte do vivido-imaginário. Os ambientes dos festivais não apresentavam condições para realização das entrevistas padrão. Os registros foram construídos a partir de conversas informais (des) pretensiosas (cada vez que alguma informação ou fato relevante para a pesquisa surgia era registrada em bloco de nota, no meu próprio aparelho celular), observação e confronto com teorias, conceitos, remexidas pela curiosidade de quem “não sabia o que estava se passando”.

Os modos de registro e as fontes de informações se alimentaram da presença do pesquisador, ao máximo possível no ambiente dos *festivais*. *Vitus* sinalizava, sempre, da necessidade de não ficar preso a um método descontextualizado dentro do tipo de pesquisa que estávamos

desenvolvendo. Foi nesse sentido que surgiu o *romance-formação*, a *alegoria etnográfica* e o *diário de campo* como instrumentos da pesquisa. As ramificações do contexto-objeto-processo da pesquisa, abarcou todos os tipos de mídias e outros instrumentos tecnológicos onde se partilhava códigos, linguagem e informações a respeito dos eventos. Não fiz um estudo documental, sobremaneira. Não era essa a *pegada da pesquisa*. Por recomendação, cabe-me citar algumas bases de recolha de informações: (a) grupo Resistência Mainfloor (facebook); (b) perfil Cultura Trance (instagram) e RavesBR (facebook), representando uma importante zona de interação entre os membros e pelo seu fluxo massivo de informações, além do conteúdo autoral, a produção musical de artistas e participantes. Estava à procura de valores e/ou ideais transmitidas ao público, os meios utilizados e mensagens, enredos como ciência, espiritualidade, filosofia, ficção, cultura (popular, alternativa, etc.) e conhecimento (antigo, atual, científico, popular, etc.), em circulação dentro das redes sociais e das plataformas.

Assim, evidenciou-se como a experiência de um festival exprime um sentimento, um impulso em favor da existência, primeiro como um instinto, latente, depois manifesto na atitude humana para a manutenção da vida e, por outro lado, vendo-o como uma manifestação consequente e opositora ao *status quo*, daí a sua proclamada identidade cultural “alternativa”. A partir desse entendimento foi possível posicionar o objeto de estudo no quadro de cenários promissores e promotores para suavização do quadro de crise ambiental. Isto, através de estímulos comportamentais com base no contato interpessoal e a imersão num território altamente simbólico, irrigado de elementos que apontam para a consolidação de uma aldeia visionária e que apresenta ações concretas de ações pró-ambientais, configurando uma cultura rica em produção de sentido, significados e trocas recíprocas entre seus membros.

Estava convencido, certamente, que eu não lidava com uma realidade formada por *atos brutos*, senão com uma realidade constituída por pessoas que se relacionam por meio de práticas de identificação, significados e linguagens. Existe toda uma invocação celebrativa dentro dos *festivals*. Eu era, ali, um céptico cuidadoso, percebendo que me lançava dentro de *regiões de inquéritos* sutis, considerando minhas próprias andanças e as perspectivas de significação dos demais membros participantes dos locais. *Átimo*, companhia de todos os instantes, estava folheando páginas de livro antigo, daqueles que o odor do tempo fica impregnado, fazendo nossos sentidos desconfiarem, de imediato, ou da vida ali contida, ou da rejeição violenta, alérgica a qualquer coisa que não nos seja adequada em vibração,

sintonia ou qualquer coisa do tipo. *Qual é o significado dessas ações e expressões, utilizadas entre os participantes dos festivais?* Indagou, *Átimo*. Eu não estava imune a cansaço, naquele instante. Sentia que as poucas perguntas feitas pelo parceiro incomum não eram simples questionamentos. Nem eram feitas sem a intenção de me lembrar que eu flutuava entre uma e outra realidade, coisa que mais me desafia, após a companhia de *Átimo*, na experiência da pesquisa-formação. Em estado de letargia, desproporcional à atenção que *dele* é costume receber, levantei, molhei o rosto, bocejo esticado, autopercepção sobre meu estado e pronto, pus-me a mobilizar a interação. Justo, isso! Faz-me tão bem a companhia de *Átimo*. Quisera poder me certificar que continuaremos assim por longos anos. *Ele* é uma figura! Desta vez, fui eu quem, pela primeira vez, aproximei-me sem espera ou aviso. *Átimo* era um abismo de sensibilidade, mas, em questões emocionais, coordenando seus gestos, no último instante, ele me prega um susto. Sorrimos. Não precisava falar mais nada. Meu estado de humor havia se alterado. Entre nós, a amizade fortalecida, gerava uma sensação prazerosa de autoencontro. Um *alter ego nativo*, lembrei! Voltei, num lapso de tempo, a sentir-falar sobre os significados de ações e expressões dos participantes dos festivais. Disse-lhe: vejo, senão, uma dialética poderosa no modo como os participantes constituem suas ações e expressões. Na experiência de cada um, estão os contornos de uma enorme quantidade qualitativa de sentidos. Borbulham em todas as direções e, aposto contigo – olhei para *ele*, provocando-o a variações de estado mental, como sempre gostamos mutuamente de fazer – que é ingrediente de contatos entre nós todos que dali participamos, a percepção sutil de nossas emanções singulares. Assim como a matéria tem peso, massa, volume e se dispõe em convexos e côncavos fluxos de interação e de trocas, desgastando-se, input e output de energia para que ocorra a dinâmica da manifestação da vida *em ato* e *in situ*, convenhamos que, os participantes vibram, percebem, interagem dentro dessa *aura estética*. *Átimo*, demonstrando contentamento, abriu um sorriso tão intenso que contagiou a mim em relativa distância. Eu estava, nesse momento, falando e andando, como sempre. E, de costas, na ocasião, cheguei a sentir o impacto festivo daquele sentimento. Eu havia entendido que é na experiência que a gente se situa mais lucidamente, não entre teorias, modelos, artefatos abstratos, dissociados do *mundo-vida*.

A *aura estética* e os percursos das relações e interações entre os participantes despertaram meu interesse. É isso mesmo, concordei. Eu estava diante de um fenômeno poderoso, dentro do horizonte do ponderável, não da metafísica. Não se trata de entender a *aura estética* como fantasioso desejo de existir estruturas fora do reino dos sentidos. Até porque, Descartes, esqueceu-se de que pensamentos geram sensações e são

produzidos por elas, alterando-se na medida que se modificam nossas disposições, interesses, atenção, fluidez. Isso é pragmático, minha gente. Além disso, o cientificismo seco dos *factos brutos* há muito já demonstrou que somos seres ecológicos e como tais, somos parcelas da composição do *quantum* energético do planeta que nos abriga. É daí que vem a noção de meio ambiente como sendo um e o mesmo que todas as coisas planetárias, dentro do planeta, óbvio. Se precisarmos sair daqui, não temos que levar uma parte de nossa atmosfera conosco (oxigênio, comida, bebida etc.)? Estava feito. A *aura estética* é, inclusive, recurso sociológico amplamente explorado por Michel Maffesoli em muitas de suas obras. *Átimo*, interessado em entender minhas reflexões, solicitou que eu desse prosseguimento às ponderações. Sentei-me ao lado *dele*. Maffesoli, comecei a perceber isso muito recentemente, é um dos caras mais interessantes no campo acadêmico. Não sei se ainda eu pude interconectar com a maior parte de suas ideias. É ousado, dinâmico e criativo. No livro *O tempo das tribos* (1987) ele destaca que as tribos, esse aglomerado dinâmico, ocorrido na contemporaneidade de modo cada vez mais crescente, dado pelo anseio da conjunção (do *estar-junto*), mesmo sendo tão maleáveis e frágeis elas subsistem. Mantêm-se num estado dinâmico de emergência e saturação. O que me chama a atenção nesse tipo de análise é que esse processo de subsistência se dá através de uma “relação vazia” que ele chama de “relação tátil”. Nas palavras dele “ [...] na massa a gente se cruza, se roça, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam” (p. 102). E continua afirmando que “ [...] quer seja pelo contato, pela percepção, ou pelo olhar, existe sempre algo de sensível na relação de sintonia [...] é este sensível que é o substrato do reconhecimento e da experiência do outro” (idem). É nesse contexto que ele aborda a noção de *aura estética*. Se você quiser posso pegar o livro, abrir no computador e te mostrar, disse eu a *Átimo*. Deu-me sinal com as mãos, sinalizando dispensável a empreitada. Prossegui. Então, *Átimo*, presente em nossos dias, segundo Maffesoli, a *aura estética* se manifesta na pulsão comunitária, na consciência ecológica, na propensão ao sentimento místico. Esses elementos que compõem a vida cotidiana permitem a formação do “corpus” social e expressam a solidariedade orgânica, aquela fundida entre os membros de determinado grupo social que tipifica as relações diárias entre os mesmos, com sólida composição de trocas, reciprocidade e identificação mútua de definições, valores, experiências.

Átimo, diante de nossas reflexões, demonstrava intimidade suficiente com o fenômeno descrito. *Nós coexistimos, Menandro. Esse conceito, noção, seja lá como você for se referir a ele, é poderosa ferramenta para o crescimento pessoal, como gente e como pesquisador, que são*

inseparáveis da memória de nossas experiências. Concordei. A aura estética mexe diretamente com o mundo das imagens, a imaginação e a criação de nossas relações cotidianas. Nisso, você tem razão, jovem. O sentimento que essa aura desperta não se funda em uma experiência individualista e interiorista, antes constitui uma vivência onde a subjetividade abre-se à alteridade. Esse convite, à estética, não foi nem uma ou duas ou dez vezes que, *Vitus*, me fizera. Chegamos ao final da madrugada com a partilha ímpar. Anotei em destaque: *a dimensão estética da vida humana em Maffesoli é pensada como o pano de fundo da transfiguração do social*, disse meu interlocutor que, em trânsito certo, dirigia-se aos braços de Orpheu, deixando-se cambalear, a um só golpe, ali mesmo, entre as almofadas e travesseiros. Eu continuaria a indagar as fontes, e, como diz Bachelard, iria “acordar as fontes” no legítimo direito de fazer circular o que eles sentem, vivem, pensam, fazem, alteram, significam e esquecem.

A noite seguia sem muitas surpresas: a pista de dança fervia madrugada à dentro, movimento intenso no bar, luzes negras e malhas coloridas propagavam o natal “em órbita” daqueles jovens. Não fazia sentido extrair à força esclarecimentos sobre isto ou aquilo, dentro do contato com os participantes do *festival*. Pois bem, irei decompor o símbolo máximo da cultura alternativa, atentando para os seus efeitos e significados. Merda! Viram o que falei? De-com-por! O vício e a morbidez do pensamento reto, cartesiano, estava em mim, ainda. Saber que é um exercício doloroso, quase sempre, querer, desejar, atirar-se em busca de outros rumos e, depois, ainda estar dentro do ponto frio do primeiro nascimento. Está feito. Melhor não reclamar nem mais um segundo. Volto, *agora*, para mim. Tudo se alterou. A consciência guiada traz lucidez. É um tormento pensar num tempo e agir em outro. Estava entre-mundos e o mergulho extensivo nos tentáculos da *Tranceformation*, esse dispositivo de pesquisa-formação, trazia muita visceralidade e concretude às experiências. A metafísica estava ficando cada vez mais distante. Mesmo com a presença de *Átimo*, muitos de vocês poderão me interpelar o quão abstrato e fantasioso é *Átimo*. São os efeitos das experiências que me permitem chegar ao juízo e ao entendimento. A quem se dispuser à aventura, terei motivo de sobra para dialogar por horas a fio esta e outras maneiras de construir a realidade. Sem alteridade inventada, o que somos? Nós próprio somos toda invenção de nossas escolhas. *Tranceformation* é mais que percurso, é abandono, saturação e novas rotas de fuga em repetição da diferença (DELEUZE, 2006).

Estou em pleno festival, *Psytrance*. Ao som de música, a pedra filosofal da cultura trance, num espaço onde as intolerâncias são suspensas, o corpo, a *aura estética* e a ritmia, abriga a multidão. A atmosfera é de união e respeito. O *trance* se expande a cada dia mais, derrubando as barreiras do preconceito e da discórdia. Um ambiente absolutamente permissivo, mas que não faz apologia a nenhum tipo de atitude que não seja a expansão da consciência, de si, do outro, do Um. A música trance desperta algo em você? Tão logo perguntei, veio a resposta: “Paz... Uma *vibe* dançante, diferente desse monte de gente jogada no chão. É um negócio pra quem tá numa *vibe* saudável”, falou *Kula*. Segui no ritmo, em conexão com outras pessoas, porque já não mais tinha adesão e conexão com *Kula*. Sem parar um só instante, puxei outra conversa com os participantes próximos. – Curtindo o *festival*? Para minha satisfação, uma outra jovem, 27 anos aproximadamente, respondeu, ao lado de *Kula*: “[...] O festival tá abrindo pra muita gente, tá sendo ruim pra cultura *trance*, a cultura *trance* tá perdendo muito pra cultura convencional. A cultura convencional tá ganhando. A cultura *trance* tá perdendo”. E, *Samah* não parava um só segundo de dançar. Eu sorria, embalado pelos encantos das expressões, da leveza e da partilha com alguém que ela sequer havia notado, segundo antes. “Agora a cultura convencional tá ganhando, porque eles tão abrindo, tá havendo uma expansão da mente, entendeu? Há um benefício pra eles. Eles vão pensar agora de uma maneira diferente, eles vão começar a questionar alguma coisa, dentro da sociedade, entende, né?” Eu, procurava manter a atenção e me certificar que estava gravando o áudio daquela conversa. *Samah*, prosseguia, entre sorrisos e sutilezas de carícias. Eu já estava era gostando da situação. Imagine, que pesquisa é essa? – eu pensava todo tempo o quanto tinha motivo suficiente para largar o velho cheio de queixumes que carregava dentro de mim. Dizia, *Samah*: “Em termos de comportamento, liberdade, alimentação, (perguntei, interagindo: consumo?) consumo, entendeu? Tudo isso! Eles tão ganhando em realidade, né? É uma misericórdia, digamos, pra eles, que eles tão ganhando. Porém, pra quem faz parte da comunidade alternativa, não é bom! Por exemplo, esse ano, cara, você não vê ninguém da família, da família *trance*. Você conta nos dedos, as pessoas não estão vindo mais pro universo paralelo. Eu nem vinha, eu vim porque, por causa do KLIM, porque eu queria divulgar o KLIM, e porque eu queria trabalhar aqui, entendeu? E ajudar o *Lilan*, entendeu? E porque eu queria dançar também! Em determinados momentos que eu sabia que eu ia poder dançar! KLIM é o evento que você promove? – Perguntei-lhe. Sim! O KLIM é exatamente isso, uma oportunidade de você vivenciar, né, o *psytrance*, verdadeiro, sem uso de nenhuma substância, que não seja o próprio *psytrance*, né? Porque o, o *psytrance* em si quando bem conduzido, não digo todos, de jeito

nenhum, de jeito nenhum, é... É qualidade, eu tô falando de qualidade realmente, né? Quando ele é bem conduzido com qualidade, a pessoa, o DJ por trás da máquina ali, ele é uma pessoa consciente. Ele sabe o que ele tá fazendo ali, ele, ele tá enviando uma mensagem, né? Então por si só as batidas, os BPM's, do psytrance, e principalmente do Goa, né? É, o Goa é... O goa verdadeiro mesmo, *clean*, inteligente e, não que nem aquele Goa nhem nhem nhem, nan nan, um Goa realmente trabalhado, espiritual, né? Ele faz milagres na vida de uma pessoa... Milagres! É impressionante! É impressionante o poder. Então o KLIM é isso, é uma oportunidade de você viver o psytrance e ter essa experiência de alteração de consciência, né, através da música, e saber que isso é real, que isso é possível, entendeu? E essa, sabe, essa alteração de consciência vem junto, sabe, com muitas mudanças, na mente, nas emoções, na sua vida, entendeu? Porque ela liberta do ego, te liberta do ego esmagador, você descobre um outro ser dentro de você, que é o que você é, entende? E você nunca acessou em realidade, né? E aí, pra acessar ele, geralmente as pessoas usam substâncias. É a substituição do seu trabalho espiritual, algo que você faria sem a substância. Então o KLIM é uma oportunidade disso, de você ter essa experiência. Então, o *trance* como veículo de formação. De formação e descoberta do self, do seu self, e pra isso junto vem o quê? Vem o trabalho espiritual, claro! Com mantras, com *bajah*, depois tem o trabalho da yoga, respiratório, hormonal, alimentação – vegetariana! Desintoxicação do corpo e da mente e por aí vai...”. As possibilidades de registro de um depoimento como esse eram raras. Eu estava mesmo feliz. Desliguei o gravador e fui aproveitar a festa, as pessoas e a formação naquele que seria um dos mais relevantes instantes entre os festivais: estava comigo!

O psytrance é o coração do festival, mas a gente tem também música tribal, música orgânica, músicas brasileiras, voltadas para uma cultura mais de amor e harmonia, reggae, reggae caipira. Essas palavras estavam ressonando em polifonias, junto a mim. Exista tantas vertentes e matizes musicais, além da música eletrônica, que acabava por esticar ao máximo os limites de qualquer compreensão. Então - questionei a *Dandara* - essa diversidade é o que atrai, não é mesmo? *Dandara* se tornou uma parceira especial na semana. Ela, diferente de outros participantes, foi quem procurou o contato e deu início a uma parceria do “tipo grude”. Ninguém aguentaria a *Dandara*. Nem eu. Depois de muito me esforçar no exercício do encontro, percebia mais uma vez as questões de **estilos modais circulares**. Era ingenuidade extrair o concreto da experiência sociocultural cotidiana dentro de qualquer situação de interação social entre pessoas.

Feito os devidos distanciamentos diante das atitudes de Dandara, acabei percebendo que a pesquisa-formação, contida no *Tranceformation*, requeria mergulhos mais profundos, diante de alteridades. Depois de dois dias, reencontro *Kula*. Ela foi logo dizendo: “Oi, rapaz, esqueci seu nome – disse sorrindo. Não é você aquele rapaz que fiquei conversando anteontem? Sou eu mesmo, respondi. Aproveitei o espaço de diálogo e perguntei: você lembra sobre o que falávamos? *Kula*, respondeu: confesso que lembro mais o que você falou com *Samah*. Sorrimos. – Prestando atenção na conversa alheia, não foi? Sorrimos novamente. Coincidência ou não, *Samah* acabava de se aproximar. – Falando de mim ou sobre mim, hein? Menandro, disse *Samah*, denunciando emoções sinceras. Bom te reencontrar. Lembra que te falei sobre o KLIM? Estou indo para um Workshop, quer vir comigo? Respondi-lhe, afirmativamente. Seguimos. Um workshop, aqui? No estilo tradicional (...) – eu mal concluía a frase e *Samah*, interagia, esclarecendo: “É isso mesmo! O workshop também faz parte dos *festivals*, nem todos. Vou explicar. Uma coisa, também, muito importante no KLIM é o estudo da música, o estudo dos BPM’s, entendeu? Saber o que provoca cada diferente frequência de som na sua consciência, cada mensagem, cada som. Penso que isso seja interessante. Dá para saber um pouco sobre a música eletrônica, como formar ritmo, melodia, impacto, como trabalhar nisso, entendeu? Mais do que só ouvir música eletrônica, entendeu? Manter a pureza e o propósito do *festival*. A última coisa que eu quero que aconteça com o KLIM, por exemplo, é que o KLIM seja um festival hipócrita. Pode ser popular, entendeu, mas que seja verdadeiro, sabe? Que a proposta seja verdadeira. Como você falou, né: vinculado, os *festivals* têm sempre essa coisa do ambiental, ambientalismo, mas é realmente real? É discurso? Tá no flyer? Tá no site? Entendeu? Mas realmente, é real? Então, quer dizer, o KLIM tem essas propostas, as propostas ambientais também, muito forte, todo um trabalho, a gente fez uma horta, na primeira edição a gente pegou um trabalho de, montou uma horta, né? Toda essa coisa que eu te falei, de cultivar o próprio alimento, a gente teve o *workshop de alimentação viva*, a gente tinha suco verde, né”?

Num compasso de profunda gratidão, olhando as folhagens robustas ao redor, eu percebia as contradições na cultura *trance*. O que sentia estava estampado em minhas posturas e gestos, atônito, sabia que uma forte contradição é se isolar da possibilidade de negar as negações, estabelecendo não uma contracultura, mas uma alternativa pluralista que assimila e multiplica as possibilidades de manifestação de hábitos e costumes ao invés de construir um modelo de abstração de ideias baseado em dicotomia e exclusão. Dessa forma, promove-se uma mobilização cultural como via para transformação da vida e ampliação dos horizontes intelectuais, emocionais e espirituais da gente que vai aos *festivals*. Não

percebi, no entanto, que estava em companhia de *Fujisaka*. Ele, que naquele momento estava ouvindo em viva voz o que meus pensamentos conduziam à minha boca, ponderou: “Eu confio mais no sentir, do que no pensar e seguir os padrões que já ditos. E o melhor jeito de você conhecer é você ir atrás e por si próprio. Não é aquela coisa de conhecimento, é legal, é experiência. Não tem coisa melhor do que você saber algo por si próprio. Porque assim que você entende o propósito de cada coisa, você vê realmente o que tá acontecendo. E esse choque de realidade acontece saindo daqui e vindo pra cá. Porque aqui você conhece e quando você volta, já volta sabendo”. Era preciso mudar frequência. Deixar falar as fontes, em suas manifestações de ritualidade, celebração e sentido.

“Na realidade, a cultura é um conjunto de interpretações que as pessoas compartilham e que, ao mesmo tempo, fornece os meios e as condições para que essas interpretações aconteçam” (MACEDO, 2010: 25). Foi com inspirador hálito que retornei à vida social, depois de passar pelo ritual assustador da qualificação de mestrado. Estava ensopado com o caldo etnocêntrico destilado pelo pavor de colegas de formação acadêmica em seus relatos sobre o que foi considerado certo, errado, aceitável ou não. Comigo ocorria diferente. Desde a composição da banca, a escolha por interlocutores sensíveis às dinâmicas sociais, suas problemáticas e suas incompletudes, pousaram sobre nossa decisão de convidar esse, aquela e não outra pessoa. Na ciência feita pelos acadêmicos a gente negocia sentidos como na cultura. O que eu compartilhava com os avaliadores, além do código acadêmico? Partilhávamos, inclusive junto a *Vitus*, a jovialidade autêntica como forma de expressão de nossas buscas. Mesmo com o caldo visguento da educação cheia de valores que todos nós recebemos na infância, entre todos, exalava o odor característico dos inquietos, uns mais afoitos, outros menos barulhentos, alguém mais itinerante, nômade, ninguém, de fato, asséptico, necrosado e vencido pelos ditames de uma generalizada expressão de vida. Estava ansioso pela experiência, afinal, o texto entregue não traduzia, minimamente, minhas andanças. Eu falaria da experiência até então vivida, contudo, os autores, a escritura registrada, sequer de longe me daria a condição de explicitar e partilhar as andanças em terras profanadas pela ignorância. Chegou o dia. Coração agitado, *Átimo* resoluto, inspirando foco, dedicação e confiança. Tudo ocorreu tão rapidamente e já estávamos nós, os participantes-interlocutores-coprodutores dessa formação, em festivo debate. Questões morais, dúvidas sobre sentido político do tema, menção apologética ao uso ilícito de substâncias, recepção amorosa, estupefata, risonha e garbosa de todos os feitos, emergiam entre nós com a leveza incomum aquele

ambiente saturado de vigilância, punição, correção, cumprimento de tarefas e pouca celebração festiva sobre os resultados alcançados. No

Eu vejo que existem dois aspectos fortes, um aspecto que é muito positivo, que é justamente essa diversidade e essa abertura de mente, né, e de poder também experienciar coisas diferentes na sua vida, porque a maioria das pessoas aqui são pessoas convencionais, tem sua vida, emprego na cidade, estão de férias, né, e tudo isso. Então pra essas pessoas essa experiência de você tá acampado durante oito dias com pessoas que você nunca viu, entendeu? E tem essa, essa interação, com comida até, que você nunca comeu, e, e som que às vezes você nunca ouviu, né, entende? E pessoas, né? Hábitos, com pessoas que você nunca teve antes, isso sempre é positivo, porque é uma abertura de consciência, é uma abertura da mente, é quebra de paradigma, entendeu? Sabe? Que você vai ampliar sua vida. É, provavelmente, não posso falar por 100%, mas eu vejo que uma pessoa que participou de um festival de psytrance ela nunca vai ser a mesma pessoa na vida mais, a mesma. A mesma pessoa.

Entrevista – Sêmenis participante do Festival Universo Paralelo

máximo, os egos ali reinantes, publicavam notícias de destaque, aqui ou ali. Mas, o cotidiano vivido naquele território, exalava um estado evitativo que, convenhamos, poderia ser material de reflexão para todos os envolvidos, formadores em formação. A sessão seguia tranquila, os ouvintes, interessados na compreensão daquele tema tão estranho, porque eu havia deixado marcas intencionais no título do trabalho, a exemplo do termo *festivais psicodélicos*. Coisas de publicitário. Precisava chamar a atenção, mesmo em vias negativas. Aliás, a *via negativa* numa perspectiva sociológica, nas tradições da Escola de Frankfurt, promove o encontro inevitável com processos de alienação, emancipação e sujeitamento. No fundo, eu estava mesmo era compreendendo,

com significativo reconhecimento, todo aquele processo. Foi rica a experiência e quis registrar no limite de meus sentidos. E, quis divulgar isso agora, também. Porque é um modo de se ver. É escuta. É uma entre várias vidas.

Estamos em maio de 2016. É o meu agora. Provavelmente será o de quem estiver lendo esse registro. Eu, *Leonardo*, meu irmão consanguíneo mais novo, e um casal de amigos, *Hérída* e *Proust* nos encontrávamos no evento *The Best Guitar Play in the World*, ritual *trance*, realizado em Cachoeira do Saboeiro, Estado de Sergipe. Um momento bastante curioso da pesquisa. O local era de difícil acesso, sem mapa, com orientações dadas no posto Ipiranga da cidade. Seguimos por cerca de quatro horas, perdidos em meio a “caminhos de roça”, nos arredores do município de Lagarto, dentro do mesmo Estado. Na tentativa de encontrar o evento denominado “RITUAL TRANCE”, evento gratuito, organizado por DJs e produtores sergipanos em associação, saímos há 1h00 da manhã e chegamos por volta das 5h00. O evento era bem discreto, tranquilo. Falamos com alguns conhecidos na chegada e caímos direto na pista. Cansados pelo transtorno

da viagem, logo nos encostamos numa árvore atrás de uma singela construção, utilizada como altar para os DJs e também o bar da festa.

Alguns tempos já transcorrido, um senhor, sexagenário, tez visivelmente alterada. Ele se aproxima e começa a conversar. Agitado, esbravejava já ter sido o melhor guitarrista do mundo. “Esses dedos aqui? Tocavam música de verdade, garotada! Solos de guitarra que eu mesmo criava, de improviso”. Sem receios, devido a ambiência dos festivais, aproximei-me e disse: E do psytrance, você gosta do trance? O que é que o senhor faz aqui? Perguntei. “Eu tô aqui matando tempo. Eu não tenho mais tempo de fazer o que gosto, meu amigo. Tô aqui porque preciso, vim pra fazer meu trabalho. Adiantar minha aposentadoria”, disse-me, aquele senhor que trajava um boné velho e camisa polo desbotada, que se aproximou de nosso grupo sem se identificar. Falante, visivelmente transtornado pela mistura de algum estimulante com cerveja, ele continuou: “mas olha só que beleza... Tem a natureza, todo mundo numa boa, cada um na sua, e tem essa música acelerada aí. Mas se você reparar direito é um ritmo interessante, não é tão sem sentido assim. Olha lá aquelas meninas bonitas dançando e se divertindo. Alguém aqui vai se dar bem, rapaz”, me olhou e piscou o olho como um gesto de alguém que queria me dizer algo e saiu agitando-se para um lado e para outro. Não seria a competição, a lei mais fundamental do universo? O comércio, você consegue entender isso? O intercâmbio, a troca constante, esse movimento, é o que faz essa coisa toda funcionar, que multiplica as possibilidades e expande o arranjo da existência – vociferou o homem. Continuei, atencioso. As pessoas que me acompanhavam já haviam entendido que se tratava de minha atuação explícita como pesquisador. Inclusive, ficava notável porque eu costumava jogar os ombros, rapidamente, para traz, fungar duas vezes, inclinar meu corpo para frente e aquietar o ziguezague. Nem eu havia percebido, com tamanha sutileza os trejeitos do pesquisador-em-mim. Continuamos. O que te motiva a fazer o que você faz? Um projeto com a elaboração que o seu tem deve precisar de um combustível especial, não é mesmo? Perguntei ao senhor, até hoje não sei seu nome. Vou chamá-lo de *Lino*.

Tocar música é algo mágico. Seja um Beethoven ou uma música eletrônica, dizia *Lino*. Por um instante, as pessoas se esquecem dos seus problemas e se conectam com o curso natural da vida. Isso não é pouca coisa! Nós estamos falando da vida aqui, não é? Questionava-me, fixamente. Por instantes eu passei a falar que eu estudava a relação das pessoas com a natureza, a cultura, a sociedade nos festivais. Delonguei pelo interesse de *Lino*. Acabei dizendo do mestrado. Por minutos, ele me ouvia com respeito, agora, mais calmo. Disse: [...] sua pesquisa entende essa questão ambiental só como um problema de administração ou

tecnologia dentro dos festivais? Não sei como ele chegou a esse tipo de motivação ao me perguntar. Não quis falar muito. De certo, eu estava lidando com um universo complexo demais para interpor meus sentidos e julgamentos. Ah! Não entendeu minha pergunta, não foi? Então, pode perguntar o que você quiser! Agradei, dizendo que ele ficasse à vontade para falar sobre o que desejasse. Ele preferiu que eu perguntasse formalmente. Vamos lá, disse eu. Qual é seu ponto de vista sobre o papel ou a importância das festas de psytrance? - Pera, pera aí... Importância? Como assim, importância? As pessoas vão às festas para sair das suas rotinas, gastar dinheiro e passar o tempo. Essa é a importância da festa, desta aqui ou de qualquer outra: fazer com que as pessoas não se sintam máquinas programadas só para trabalhar. Vocês vêm aqui e gastam um monte de dinheiro, que paga o nosso trabalho, quero dizer, tudo isso aqui é fruto de um esforço coletivo. Quando acaba, é nossa vez de viajar, descansar e gastar dinheiro, nossa vez de ter um tempo livre, ficar sem fazer nada ou fazer algo que a gente gosta. Não que eu não goste de tocar, ou coisa assim, mas é preciso esvaziar a cabeça de vez em quando, para não perder o juízo, né? Ouvindo aquele relato tão peculiar a *Lino*, retomei aos espectros discursivos de Maffesoli, ali, vibráteis como nunca. As preambulações diárias, o interesse culinário, o turismo entre outras atividades tidas por muito tempo como frivolidades, mostram-se, agora, como elemento de coesão e equilíbrio entre produzir e descansar (MAFFESOLI, 2004b).

Existe uma função específica que a música trance desempenha? Insisti, diante de *Lino*. Alguma característica da sua linguagem que desperta algo específico no público? Tipo, algo que os outros estilos não conseguem? Ele respondeu, impaciente: “Cara, eu não sei aonde você quer chegar com perguntas desse tipo. Mas veja bem: Tocar Beethoven num teatro não é muito diferente de tocar um som bate-estaca no meio de uma reserva de mata atlântica pra um bando de jovens treparem e usar drogas, entendeu? O engraçado é que eu namorei uma garota há algum tempo atrás e nós costumávamos fumar haxixe e transar ouvindo música clássica. Era um barato! Não sei por que não continuei fazendo aquilo. Acho que ela era quem puxava o gatilho. Risos. Mas aí, aquelas pessoas no teatro, bom, elas também querem transar – talvez não consigam porque sejam chatas demais para isso, ou estão todas muito velhas e cansadas. Mas todas elas usam drogas (algumas da pesada, como Viagra e essas porcarias que se compra em farmácias; ou drogas mais soft, um cigarrinho, umas doses de vinho, até mesmo o açúcar que essa gente consome é uma droga potente e danosa, sabia? É só parar pra pensar no tanto de gente que tem por aí doente por causa dessas merdas industrializadas). Continuou, depois de organizar pequeno monte de folhas, recolhidas durante o momento em que falava.

Disse *Lino*: [...] eu acho que a diferença, a única diferença é o propósito, ou o lugar, não sei! Nos festivais as pessoas vêm com espírito de aventura, é uma galera quente, agitada, sabe? Tem nego que vem porque tá fugindo de algum problema, outros querem se esconder, ou se aparecer, se esbaldar, gastar muuuuuuito, ah, tem gente de todo tipo, cara, mas você pode observar que eles têm um propósito diferente, tem uma *vibe*, não é como aquele povo parado, acomodado, sabe? Aqui ninguém tá satisfeito em viver sentado. Imagina você acordar, sentar numa mesa de vidro chique, tomar um café-da-manhã refinado, descer do elevador até um carrão luxuoso, depois ir em direção a algum escritório ou coisa assim, aí lá senta de novo e fica...você acha que uma pessoa dessa ia tá aqui? Sei lá, uma rotina dessas acaba com a vida de qualquer um, faz você viver que nem um zumbi, envelhecer rápido, puta chatice mesmo, mas aqui tem muita gente de idade mandando ver, viu? Os coroas representam! Esses “caras das baladas” também não comem ninguém! Eles se entopem com todo tipo de merda, cheiram até o coração sair pela boca, se desgraçam com álcool e cigarro. São tempos sombrios. E a música tá ficando em terceiro plano, meu velho”.

Diante da desenvoltura de *Lino* e por seu depoimento despertar o interesse em perceber a variação de sentidos ocorridos em *festivais*, procurei questioná-lo mais uma vez. Disse-lhe, então: não há uma vantagem no psytrance em relação aos outros estilos musicais em geral? Falando em música, *Lino*, aprovando o tema, continuou: “[...] a música em si, não. É diferente, só isso. Mas no geral, se você considerar todo o contexto que envolve o trance, aí sim, é muita coisa. Os eventos reúnem muita coisa, muita gente, de todo lugar do mundo, tem o lance do contato, isso amplia bastante o efeito nas pessoas. O pessoal aprende a pisar um pouco no freio e botar energia em coisas mais produtivas. Uma coisa legal que esse estilo de vida alternativo me proporcionou foi o prazer. É uma vida muito prazerosa, sabe? Viajar, ver coisas novas, muita gente diferente. Tudo muda o tempo todo... isso inspira e conforta muito quem tá no toca-discos, entendeu? Na pista não sei dizer...mas quem tá trabalhando, tá ali por um propósito, tem uma resposta. Mas com certeza a música isolada não tem nenhuma vantagem, não tem vantagem no psytrance em si. O sujeito não vai ser uma pessoa melhor só porque tá trancado num quarto ouvindo bate-estaca 15 horas por dia. No mínimo, ele vai é ficar louco... Agora, assim, o evento sim. O evento que faz a diferença, te conecta com outro universo, entendeu? Faz você descobrir que tem muita possibilidade, que é possível viver bem, levar uma vida mais equilibrada, viver com tranquilidade, sem ligar pra essas porcarias de política e economia que dão na televisão. Mas aí, enfim, quando você tá ali por um propósito, entrou no evento, aí não tem outra, muda de vida mesmo, tá ligado? É outra onda! Respondi-lhe,

aquiescendo que entendia o que ele acabara de expressar. Retomei a pauta, dizendo, o que te trouxe até aqui? Por que é que você veio ao festival? Ele sorriu e disse, “basta! Vou me divertir”. Dei-me conta que havia, nele mesmo, excedido qualquer coisa em sua significação de contato. Reencontre *Leonardo, Hérída e Proust*. Ficamos ali até o final do evento. Conexão, dança e movimento em mim.

As altas temperaturas não davam ao ritmo compassado das interações a aparência eufórica costumeira às facetas do escapismo. *Hoje, não sei se você notou, estou mais inclinado a compor outros quadros de relações*. Eu percebi, na emissão translúcida da voz de *Átimo*, definição de partida. Não sabia o que dizer. Como não percebera a proposta radical da *presença* comigo? Não era *ele*, era eu. Um desassossego latiu temeroso pela ausência iminente. Não era possibilidade, era fato. Rotina. Ao despertar, *ele* estava por perto, mexendo em coisas, antes, minhas. A confusão entre nossas personalidades, estéticas, linguagem e manias passou de um processo violento de repulsa a uma identificação completa. Um-e-outro, na parceria, tornavam-se, indistintos, mesclados, *mix*. Confesso que não entendi, ainda, ruptura tão brusca. Por quê não permaneceríamos, a posteriori, como *agora*? Com firmeza peculiar, *Átimo* fazia notável esforço para produzir amplidão de consciência e seguir por entre porções de diferidos estados, naquilo que é sua marca mais fascinante: o *agora*. Esses momentos não me são agradáveis. Sinto-me perder forças criativas importantes para outros enfrentamentos e aprendizados. Ou, será que *Átimo* subsiste, tão somente na pulsão dos trânsitos acadêmicos? Eu, em processo de reflexão acelerada, percorria cada instante da *presença* de *Átimo* junto a mim. Acho que saturei o cara, pensei! Talvez fosse condicional aquela aventura. Iria chegar ao fim, logo que concluísse o processo formativo na pesquisa. Eu devo estar é confuso. É doloroso a companhia calma anunciar, ainda em calma, mudanças. Sou péssimo a entender isso. Quis fugir, sair às pressas, evitando o episódio. Quis falar, justificar, entreter-me com as explicações tão dispensáveis nesses momentos, e, fiquei como criança agitada, receio estampado no corpo inteiro, coração disparado, frio que vai e vem. Vivia um luto. Entendia como perda e lutava contra tudo aquilo. Percebi-me, oco. Fui recompondo meus estados. Ao menos, verdade ou não, aquele exercício, um dos mais difíceis, não me colocaria no plano da insanidade, cegueira e torpor tão comuns. Respirando com dificuldade, pousei uma de minhas mãos sobre meu próprio punho, um após o outro. Sintonizei comigo mesmo, desacelerando os pensamentos e tomando consciência do momento *ali-já*, num *agora* imediato e autocentrado. Insistente náusea deu sinais de

manifesta desolação, e, para completar o quadro, *Átimo*, nada fez. Eu esperava atitude fraternal, minimamente. Nesse, *agora* sei que é bobagem minha, resquício de lodo visguento de quem é *tolo*, sabe que vai ficar nas próprias mãos. Em menos de dois segundos, tirar o olho e retornar, *ele* já havia desaparecido, pela primeira vez, avisando que não mais voltaria. [...] Já não bastasse o clima de expectativa e a agonia de me torturar diante do desconhecido, acabara de **desejar** a companhia do filho mais tardio do tempo. *Átimo*, esse insistente repetidor de foco, paciência e definição. Um tagarela incansável. Até no silêncio *ele* fala. Não dizendo nada, *ele* fala. Na sua ausência, *ele* fala. Em minha companhia, quando apareceu de improviso, chegou, nem licença pediu, e foi logo dizendo: *tudo é* retorno ao presente. **Agora**, eu entendo. Somente num *instante-agora*, sinto, ajo, celebro e agradeço! Em alguma parte de mim, a *presença* de tantas vozes fica como *as vozes em mim*, em um eu sou que se expande, em busca de autonomia, conexão profunda e festejamento, sensibilidade e muita vida. Gratidão.

CONCLUSÃO



DJ AVALON – Shambhala – Recife-PE – Junho/2016. (Foto: Kently Santos)

São únicas as sensações experimentadas, ao perceber necessária pausa. Os pesquisadores das ciências ambientais, ao assumir o diálogo interdisciplinar, transdisciplinar e interessado na teoria da complexidade, talvez, acolham com menor estranheza os percursos metodológicos e as escolhas teóricas desse estudo. Desde o início, com o ingresso no processo seletivo, propondo-me ao estudo dos *festivals de cultura alternativa*, a escuta sensível foi possível. Como eu haveria de esquecer o ritual da objetividade acadêmica, ao lado de sensibilidade autêntica, sincronizada com as potencialidades e as realizações das vivências já trilhadas, naquele momento da seleção, frente aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente?

Os resultados dessa pesquisa se ampliam para além do cumprimento oficial da entrega de um relatório final com o nome de dissertação. Sem negar a importância do viés científico, as tradições de referenciar o que já se sabe em busca de compreender o que nos desafia, no tempo presente. Assim, ao problematizar a relação homem-natureza-sociedade-cultura, fez-se necessário analisar as interações sociais entre os participantes de *festivals trance* em torno das questões ambientais contemporâneas. Por isso, esse estudo voltou-se à descrição densa, em profundo respeito com as alteridades e as diferenças, dos estilos de vida e dos modos de expressão ligados às vivências dos participantes de *festivals trance*, destacando-se as relações humanas com a natureza e com a sociedade numa perspectiva antropológica do tempo presente.

O processo de inovação metodológica destaca-se como uma conquista especial. No momento em que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) recomenda que a inovação metodológica possa emergir na produção de conhecimentos em ciências ambientais no Brasil, o modo pelo qual esse estudo foi desenvolvido dialoga com o cenário nacional e com a superação de barreiras encontradas, principalmente, pelos pesquisadores de formação inicial na pós-graduação, no sentido de desenvolver novas ferramentas, recursos e dispositivos de pesquisa e de formação, capazes de superar o reducionismo logicista e formal das ciências modernas, simplificadoras da

complexidade das interações humanas, ecológicas, sociais, políticas, históricas, culturais e estéticas.

Nesse contexto, as ciências ambientais não lidam apenas com fatores de risco naturais ou fabricados e suas respectivas complicações que atingem a vida planetária. Pensar as ciências ambientais, num amplo aspecto, é, pois, não resumi-la às possibilidades de risco, catástrofes e extermínios dos habitantes da Gaia; viver as ciências ambientais, num específico aspecto, é possibilitar ao homem colocar-se diante de seus próprios atos, sem ocultar a nefasta habilidade de violência que pode ter para consigo mesmo. No entanto, acredito que ainda é possível extrair da autodestruição dos homens transformação, mudança de rota, reconexão com a vida no planeta. Os festivais trance, diante das características aqui apresentadas, são pontos de partida favoráveis ao encontro, dialogia, retorno à natureza, à integração, à vida.

Os resultados dessa pesquisa, portanto, englobam questões da formação (é pesquisa-formação) porque foi amplamente experienciada, causando em mim mesmo mudança de rota no modo como mantinha diálogo e imersão com as alteridades; e englobam questões metodológicas. A etnográfica crítica (pós-moderna) para a pesquisa em ciências ambientais devido às interfaces de diálogo entre literatura, invenção e ciência antropológica e a reflexão sobre a autoridade na produção do conhecimento científico, destaca-se, sobremaneira, nesse percurso. Durante o desenvolvimento da pesquisa tornou-se explícito a pertinência da escolha do método. Sem isso, não seria possível inovar metodologicamente e dispor de rico material para análise e conhecimento do mundo social contemporâneo, dentro daquilo que foi a problematização central desse estudo: as relações com a natureza, com a sociedade, numa cultura festiva, celebrativa, estética e musical.

Outro destaque importante ocorreu pela identificação de planos de configuração do estilo de vida dos participantes de festivais como possuindo características situacionais, irruptivos, diferidos e individuados. Esses elementos da dinâmica social favorecem o entendimento segundo o qual é preciso repensar as práticas de formação e de interação social da universidade com os agentes sociais da cultura na contemporaneidade. Trata-se de outros modos de ver, perceber, construir, significar as relações. Nesses termos, é possível afirmar que a materialidade de modos de expressão apresenta-se como estética híbrida, experiencial e disforme. Não foi possível agrupar os participantes por tipos de comportamento, hábitos, preferências, ou qualquer tipo de elemento de interesse sociológico ou antropológico. Os movimentos descritos na narrativa do romance-formação, em relação aos participantes e todo o contexto-processo

analisado permitem afirmar a necessidade de entender com mais detalhes as condições pelas quais esse tipo de agrupamento social ocorre. Na medida em que as bases da ação social e da interação social englobam ritual, significados, sentidos, mas, dentro de um outro plano de ação e de amplitude, com as quais, a tentativa de eleger um ou mais autores para explicar *teoricamente* o que ocorre nos festivais, culmina na perspectiva megalomaniaca do pesquisador com viseiras pré-fabricadas, esculpidas pelas mãos de um a priori, quase sempre formal, sem, contudo, demonstrar funcionalidade, dialogo, contato e alteração daquilo que é consenso entre os que estão vivendo esse momento histórico: aprender a viver, sem sobrevida! Conclui-se que os festivais *trance* são importantes territórios culturais de conjunção, afirmação e unificação com a natureza numa dinâmica de profundidade, saturação, negatividade e reinvenção de atores sociais com a finitude existencial e a expansão de consciência frente à natureza, à vida planetária e os problemas ecológicos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **A aventura (auto)biográfica** – teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AGGER, B. **Cultural Studies in Critical theory**. London: Farnham Press, 1992.

ANDERSEN, T. **Processos Reflexivos**. Rio de Janeiro: NOOS, 1991.

ASAD, Talal. **El concepto de la tradición cultural en la antropología social británica**. Barcelona: Júcar, 1991.

ATKINSON, P. **Understanding Ethnographic Texts**. Sage: Newbury Park, 1992.

ATLAN, H. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Portugal: Edições 70, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Hucitec. 1994.

_____. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Lavallée. Revisão científica Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN/São Paulo: Paulus, 2010.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**. n. 21, p. 133-157, julho de 1988.

CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARIA, Telmo H. A reflexividade e a objectivação do olhar sociológico na investigação etnográfica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº55, pp. 5-36, 1999.

CARSPECKEN, Phil Francis. **Critical Ethnography and Educational Research**: a theoretical and practical guide. London: Routledge, 1996

CARVALHO, Nelly. **Publicidade**: a linguagem da sedução. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CHAMBON, Julien. **Réflexions Anthropologique sur le raves de São Paulo**. (Mémoire de maîtrise dirigé par F. Laplantine). France, Lyon, 2001.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda numa perspectiva compreensiva**. Bahia: Cruz das Almas. Editora EDUFRB, 2014.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CLIFFORD, James; MARCUS, George (Ed.) **Writing culture**: the poetics and politics of ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.

D'ANDREA, Anthony. "Global Nomads: Techno and New Age as Transnational Countercultures in Ibiza and Goa." In Graham St John (ed.) **Rave Culture and Religion**, pp. 236-55. London: Routledge, 2004.

D'ANDREA, Anthony. **Global Nomads**: Techno and New Age as Transnational Countercultures. London/New York: Routledge, 2007.

D'ANDREA, Anthony. The Decline of Electronic Dance Scenes: The Case of Psytrance in Goa. In Graham St John (ed) **The Local Scenes and Global Culture of Psytrance**. New York: Routledge, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.

DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S. (eds.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications, 1994.

FERREIRA, Leila da C. Teoria Social: Construindo a Interdisciplinaridade. **Revista Ambiente e Sociedade**, nº, 48, 2006.

GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. Montevideo, Uruguai: Ediciones Chanchito, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. **O Saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1993.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução

de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1959/2005.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. São Paulo: DP&A, 1999.

JOHN, Graham St. Neotrance and the Psychedelic Festival. **Journal of Electronic Dance Music Culture**, University of Regina, University of Queensland, Vol 1, Nº 1, 2009.

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KILANI, M. **L'invention de l'autre**. Lausanne, Editions Payot, 1994.

_____. **La construction de la mémoire**. Génève, Labor et Fides, 1992.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007

LADDAGA, R. **Estética da Emergência**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MAFESSOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução, Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

_____. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004a.

_____. A sociologia como conhecimento da socialidade. In: BARBOSA, Joaquim G. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: UFScar, 1998.

_____. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução: Rogério de Almeida. 2º Ed. São Paulo: Zouk, 2005a.

_____. **O instante Eterno:** o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Tradução, Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **O ritmo da vida:** variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução: Cloves Marques:Record, 2004b.

_____. **Sobre o nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCUS, George. **Problemas de la etnografía contemporánea en el mundo moderno.** Barcelona: Júcar, 1991.

MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade.** Natal: EDUFRN, 1999.

_____. **O método:** 3. O conhecimento do conhecimento. Porto MORIN, Edgar. Alegre: Sulina, 1999.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (Org.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PERDIGÃO, Elaine Rodrigues. **Estórias que contamos sobre os outros:** etnografia e ficção em perspectiva. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2015.

PINHO, José Benedito. **O Poder das Marcas.** São Paulo: Summus, 1996.

RABINOW, Paul. Discourse and power: on the limits of ethnographic texts. **Dialectical Anthropology.** vol.10, 1985.

RABINOW, Paul. **Las representaciones son hechos sociales:** modernidade y postmodernidad en la antropología. Barcelona: Júcar, 1991.

SALDANHA, Arun. **Psychedelic White:** Goa Trance and the Viscosity of Race. University of Minnesota Press, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: nova fronteira, 2008.

SIDEKUM, Antônio. **Ética e alteridade:** a subjetividade ferida. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

SINDER, Valter. **Configurações da narrativa:** verdade, literatura e etnografia. Tese de Doutorado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1992.

SOUZA, Antônio Vital Menezes de. A Expressão da Diferença nas Tensões da Identidade. **Revista Fórum Identidades e Alteridades.** Ano 2, Volume 4 – p. 91-101 – jul-dez de 2008.

SOUZA, Antônio Vital Menezes de; e OLIVEIRA, José Mário Aleluia. Questões extemporâneas das culturas digitais em educação. **Revista EDaPECI**. São Cristóvão (SE) v.14. n. 2, p. 284-298 maio/ago, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.

STRATHERN, Marilyn. Out of Context: the persuasive fictions of Anthropology. In: **Current Anthropology**, 28(3), 1987.

TYLER, Stephen. **Etnografia postmoderna**: desde el documento de lo oculto al oculto documento. Barcelona: Júcar, 1991.

VERSIANI, Daniela. **Autoetnografias**. São Paulo: Ed. 7 Letras, 2005.

WILLIS, Paul. **The Ethnographic Imagination**. London: Polity, 2000.



POEMA PARA A NATUREZA

Se o chão é o corpo da Terra, o ar certamente é seu espírito. Anima e aviva. Ou seria esse papel da água? Acho que a água é o sangue da nossa casa pré-fabricada. É ela quem irriga tudo isso aqui e alastra a vida por onde passa. Talvez esses dois (o ar e água) sejam irmão gêmeos... Meio diferentes um do outro. Se as nuvens forem mesmo água em forma de vapor, então o céu é só um rio-invertido, que se zanga e chora, para a alegria de todo mundo aqui embaixo. Então o rio também é espírito! E a lama só não é alma, por um deslize da gramática.

Olha essas pedras, elas são puro osso, e que belo esqueleto esses cânions e montanhas. Que curvas tem essa beldade natural!

O céu, ah, o céu é pensamento!

O espaço é só barulho.

O universo é som

E o mar é um sentimento.

É amor, temperado e derretido.

O vento é voz. Você pode ouvir o som do silêncio? Seus segredos ecoam para os quatro cantos do globo. É, a atmosfera é um ouvido potente. Escuta e guarda tudo, desde as preces à poluição.

Assim, podemos concluir que a natureza é deus. Opa! Deusa! Uma Deusa natural e mágica.

Veja como ela dança nos braços do tempo... Como se não houvesse perigo. E de fato, não há perigo algum.

E quem explica o gelo dos pólos?

Acho que eles são pra equilibrar o calor dos trópicos, os tristes e eufóricos trópicos. Não sei muito sobre câncer. Mas conheço bem Capricórnio. Lugar de gente impávida!

De uma valentia que não tem tamanho. E que bichinho bacana. Só precisa daquilo que tem. Sabe se virar com pouco e não quer prêmio pela sua bravura.

Ah Capricórnio, que homenzinho bravo!

APÊNDICES

VIDEORRELATOS



Relato 1. Primeiras experiências em Festivais Trance





Relato 2. Meu amor pelo Festival Trance





Entrevista sobre Drogas. Rica Amaral fala sobre drogas em festas rave



Índice Remissivo de Termos Centrais da Pesquisa

A

adoção metodológica, 18
alegoria etnográfica, 6
alter-ego-nativo, 2
ambiente híbrido, 25
análises pós-coloniais, 22
Átimo, 2, 25
autor-etnógrafo, 6
autoridade etnográfica, 6

B

bricolagem, 4

C

ciência antropológica moderna, 5
Clifford Geertz, 6
complexidade da vida social, 8
comportamento pró-ambiental, 18
conhecimento científico moderno, 3
contexto-objeto-processo da pesquisa, 43
contexto-problema, 7

D

dispositivo de pesquisa, 4
dispositivo instrumental de pesquisa, 4
diversidade, 24

E

escolha metodológica, 3
Etnografia pós-moderna, 3
exótico-distante, 5
experimentação interdisciplinar, 7
experimentações sociais, 2
experimentos sociais, 23

F

festivals de cultura *trance*, 2
festivals *trance*, 7, 8, 28, 30
formalismo, 2

fratura no conhecimento científico, 1

G

Goa Trance, 23

H

heteroglossia, 3
hibridismo *tecnoestético*, 5

I

Ilha de Goa, 7
inovação metodológica, 6
instrumentos da pesquisa, 43
intérprete-tradutor, 3
invenção interdisciplinar, 7

L

lógica do conhecimento científico moderno,
3

M

método, 18
microcosmos de culturas, 5
minorias barulhentas, 5
mosaico de referências, 8

N

neutralidade do pesquisador, 6
novos dispositivos de pesquisa, 8

O

objetivo, 17
objeto de pesquisa, 17

P

pensamento criativo, 8
percurso de pesquisa, 2
pertinência social e científica, 8

polifonia, 6
práticas culturais cotidianas, 6
práticas culturais e sociais, 5
produção interdisciplinar de conhecimentos
em ciências ambientais, 8
próximo-familiar, 5
psytrance, 24

R

rave, 27
raves, 27
relação simpatética, 23
romance-formação, 4

S

sensorio, 24, 25
socialidade, 22
subjetivação, 5

T

texto etnográfico, 6
textualidade, 6
tradução cultural, 6
Tranceformation, 9

V

vídeorrelatos, 8
vivência empírica e metodológica, 4